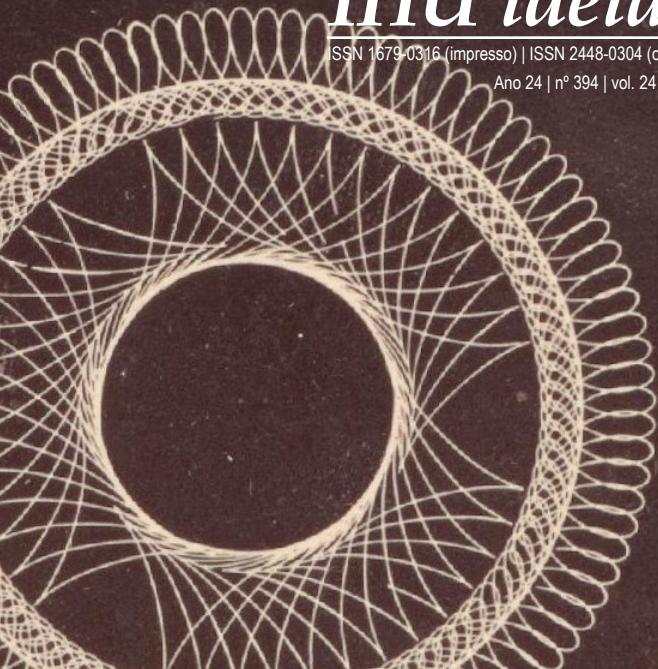


Cadernos
IHU ideias

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 24 | n° 394 | vol. 24 | 2026



**Dossiê Horizontes Quânticos.
Trans:humanismo (H-) e Audiovisual**

Rodrigo Petronio, Bianca Ayuri, Eduardo Ferraz, Guto Escobar,
Luca Scupino Oliveira e Maria Junqueira Netto de Sá e Benevides

Cadernos
IHU ideias

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 24 | nº 394 | vol. 24 | 2026

Dossiê Horizontes Quânticos

Trans:humanismo (H-) e Audiovisual. Imagem, Mente e Teoria Quântica nas Fronteiras do Humano

**Rodrigo Petronio, Bianca Ayuri, Eduardo Ferraz, Guto Escobar,
Luca Scupino Oliveira e Maria Junqueira Netto de Sá e Benevides**

Artigo originalmente publicado em: PETRONIO, Rodrigo (org.).

Horizontes quânticos. 1. ed. São Paulo: LF Editorial, 2025.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Cadernos IHU ideias é uma publicação digital do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz
Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias

Ano XXIV – Nº 394 – V. 24 – 2026

ISSN 2448-0304 (on-line)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

Conselho editorial: MS. Gabriel dos Anjos Vilardi; MS. Guilherme Tenher Rodrigues; Dra. Cleusa Maria Andreatta; Dr. Lucas Henrique da Luz; Dra. Marilene Maia; Dra. Susana Rocca; Dr. Ricardo de Jesus Machado.

Conselho científico: Adriano Naves de Brito (Unisinos, doutor em Filosofia); Angelica Massuquetti (Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade); Berenice Corsetti (Unisinos, doutora em Educação); Celso Cândido de Azambuja (Unisinos, doutor em Psicologia); César Sanson (UFRN, doutor em Sociologia); Gentil Corazza (UFRGS, doutor em Economia); Suzana Kilpp (Unisinos, doutora em Comunicação).

Projeto Gráfico: Ricardo de Jesus Machado

Responsável técnico: Guilherme Tenher Rodrigues

Imagem da capa: Public Work by Cosmos

Editoração: Guilherme Tenher Rodrigues

Artigo originalmente publicado em: PETRONIO, Rodrigo (org.). Horizontes quânticos. 1. ed. São Paulo: LF Editorial, 2025.

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 21. Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>. Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021). ISSN 2448-0304
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

Dossiê Horizontes Quânticos

Os **Cadernos IHU Ideias** apresentam, neste dossiê, três textos de Rodrigo Petronio, extraídos da obra por ele organizada, *Horizontes Quânticos* (LF Editorial, 2025). O livro propõe uma análise transdisciplinar dos impactos do campo quântico sobre múltiplos saberes, ciências e áreas do conhecimento, estendendo-se também às dinâmicas mais amplas da cultura e da tecnociência contemporâneas.

Em contraposição à mistificação e à desinformação que frequentemente cercam o tema, a obra busca expandir os horizontes da razão sem renunciar a seus compromissos sociais e à sua vocação emancipatória – sempre compreendida em chave coletiva. Nessa perspectiva, os horizontes quânticos delineiam modos de imaginar novas racionalidades e novos mundos para o século XXI, dentro e para além da ciência.

Para esta edição dos **Cadernos IHU Ideias**, foram selecionadas três contribuições que aprofundam o debate sobre a produção científica, filosófica e cultural relacionada ao campo quântico nas sociedades contemporâneas. A primeira delas, em caráter introdutório, apresenta o artigo “O Campo Quântico e os Horizontes do Real”, no qual Rodrigo Petronio contextualiza o leitor ao examinar a amplitude e a interdisciplinaridade do debate em torno do conhecimento quântico.

A segunda publicação introduz a Teoria Gerativa, nova área do conhecimento desenvolvida por Petronio, que se propõe a aprofundar as cosmologias emergentistas contemporâneas fundamentadas no conceito de multiverso.

Por fim, a terceira edição dedica-se ao tema do transumanismo. Trata-se de uma reflexão conjunta de Rodrigo Petronio, Bianca Ayuri, Eduardo Ferraz, Guto Escobar, Luca Scupino Oliveira e Maria Junqueira Netto de Sá e Benevides, que investiga os debates desenvolvidos ao longo dos séculos XX e XXI acerca dos limites do humano, das imagens de humanidade e das diversas concepções de humanismo, mobilizando campos como a arte, a literatura e o audiovisual.

Dossiê Horizontes Quânticos

Trans:humanismo (H-) e Audiovisual. Imagem, Mente e Teoria Quântica nas Fronteiras do Humano

Rodrigo Petronio, Bianca Ayuri, Eduardo Ferraz,
Guto Escobar, Luca Scupino Oliveira e
Maria Junqueira Netto de Sá e Benevides

1. TRANSUMANISMO (H+) E TRANS:HUMANISMO (H-)

Ao longo do século XX e XXI, os debates sobre os limites do humano e dos humanismos demonstraram e continuam demonstrando conexões profundas com as artes, a literatura e o audiovisual. Os limites do humanismo euramericano aos poucos foram sendo criticados pelas mais variadas vertentes das ciências humanas (Foucault: 2010, Agamben: 2002, Mbembe: 2014, Ferreira da Silva: 2007). E os dispositivos ambivalentes de produção discursiva de uma imagem da humanidade, entendida em termos formalmente abstratos e pretensamente universais, passaram a ser

inspecionados em sua amplitude, compromissos e implicações (Agamben: 2002). Os dispositivos de saber-poder eurocêntricos determinaram o humano durante séculos. E excluíram vastos contingentes de seres humanos da categoria de humanidade. Todas as filosofias críticas desde Kant se veem na obrigação de se posicionar diante do mito humanista ocidental. Herdeiro das tradições humanistas do socialismo, o marxismo é um dos primeiros a comparecer diante desse tribunal de julgamento e avaliação das contradições do humanismo, ressaltadas tanto pelos seus críticos quanto pelos seus defensores (Ferreira da Silva: 2010). Uma concepção sistêmica e anti-humanista da teoria de Marx é entendida como solução por alguns autores ligados às leituras estruturalistas de Marx, como Louis Althusser e outros (Merquior: 1987). As filosofias da existência haviam dinamitado a essencialidade do humano. Mesmo assim ainda ficava candente se o existencialismo seria ou não um humanismo (Sartre: 2013). Por outro lado, Heidegger definiu o humanismo como uma mera variação do longo processo de entificação do ser e, por conseguinte, como um confisco universal do ser do humano (Heidegger: 1973, Sloterdijk: 2000). E então seria preciso reconstruir a partir do zero essas novas acepções: criar uma humanidade de outro humano (Levinas: 1988). Seria preciso produzir um novo pensamento capaz de subverter a gramática logocêntrica, fonocêntrica e falocêntrica que determina há milênios a fisionomia desse humano “universal” (Derrida: 1973). E há as propostas ousadas e excelentes de reconstruir uma versão alternativa de humanismo, baseada em uma narrativa de longa duração capaz de incluir os processos de milhões de anos da hominização (Serres: 2008, 2005). Na contracorrente desse movimento, uma

miríade de pensadores conservadores, quase sempre de inspiração abraâmica, procuram enfatizar e ressignificar o humanismo, quase sempre sem sucesso (Gilson: 2002, Maritain: 2005, Buber: 1982).

A despeito dessas críticas ao humanismo, o fim do humanismo não se reduz ao fim de um humanismo entendido como um dos pilares discursivos do eurocentrismo. Desde o século XIX, o projeto humanista passou a se expandir em uma nova dimensão: a dimensão evolutiva. Enquanto as narrativas humanistas tradicionais precisavam fazer a clivagem de humanos-não-humanos a partir da teologia e das religiões, acionadas em suas potencialidades políticas e ontológicas, o projeto humanista evolutivo passou a ser escandido com base em uma das teorias mais poderosas de todos os tempos: a teoria darwiniana. Basta unir a isso a ascensão espetacular da tecnociência e do capitalismo ao longo do século XX e teremos a nova face de um humanismo que não apenas não morreu, mas seguiu e segue vitorioso, em plena expansão em seus sonhos coloniais: o transumanismo. Por isso, o transumanismo não deve ser entendido apenas a partir dos clichês produzidos pela *sci-fi*. Deve ser entendido como um discurso de grande plasticidade que expande, transforma e capitaliza o humanismo eurocêntrico e colonial, turbinado pela tecnociência e potencializado pelo capitalismo liberal.

Para compreender essas novas dinâmicas do humanismo e do transumanismo, foi preciso abrir um amplo leque lexical e semântico: trans, meta, neo, pós e tantos outros prefixos para o humanismo. O mais poderoso deles foi e continua sendo o transumanismo. O transumanismo nesse sentido adquire diversas tonali-

dades e acepções. E encontra algumas de suas bases em alguns fundadores do pensamento moderno como Hegel, Darwin e Nietzsche (Martins: 2018). Os estudos sobre o chamado pós-humanismo adquirem cada vez mais espaço, sobretudo nas ciências humanas (Wolff: 2010). A biotecnologia começa a desempenhar um papel decisivo na construção de um novo imaginário coletivo (Fukuyama: 2003, Sloterdijk: 2000). A morte do humano passa a ser associada a uma nova condição pós-histórica (Flusser: 2019). E esta se torna sinônimo da morte das condições contingentes que determinaram a historicidade e a liberdade das ações humanas, cada vez mais roteirizadas e alienadas pelas novas tecnologias. Essa excentricidade do humano em relação a si mesmo foi pensada em algumas abordagens mais radicais a partir do conceito de meta-humano (Ferreira da Silva: 2010). A dissolução das fronteiras entre natural e artificial borraram ainda mais a fisionomia desse humano antropocêntrico do humanismo (Flusser: 2018, 1978, Santaella: 2003, 2022).

Para coroar esses processos, a cibernética, a teoria dos sistemas, as teorias da complexidade, a teoria do caos, as teorias emergentistas, dentre outras, demonstram que a racionalidade de um evento depende de uma minimização infinitesimal das propriedades humanas contidas nesse evento (Morin: 2015, Maturana: 2014). Em outras palavras: boa parte dos problemas das ciências não eram restritos às limitações da ciência. Decorriam sim das perspectivas antropocêntricas às quais os processos da natureza eram submetidos. Ao mesmo tempo, começa a haver uma ênfase cada vez maior nas relações interespecistas (Haraway: 2003, 2008). E a simbiose se torna uma das teorias mais potentes para a explicação da ontogênese da vida na Terra (Margulis:

2002). A ciborguização adquire cada vez mais potência, tornando-se impossível uma separabilidade entre ações comunicativas e informacionais, físicas e mentais, orgânicas e inorgânicas, humanas e não-humanas (Haraway: 2009). Em meio a esse processo, hoje pode-se falar em uma reconfiguração e em uma reconstrução do humano, para além dessas aporias e limitações do humanismo clássico e em confluência com as novas tecnologias e com as novas ontologias informacionais e computacionais: o neohumano (Santaella: 2022).

Nesse contexto, o termo transumanismo permeia o século XX e se expandiu de modo avassalador no século XXI. Não sem diversas polêmicas, às vezes em concepções afinadas com a eugenia, outras vezes apenas mal-compreendido por seus críticos, o transumanismo passou a ser veiculado às narrativas que defendem as potencialidades de aprimoramento dos humanos, a despeito das consequências positivas ou negativas desse processo (Alexandre e Besnier: 2022). Os riscos desses discursos acerca da perfectibilidade humana são conhecidos desde há muito tempo (Pasmore: 2004, Sloterdijk: 2000, Giucci, Monteiro e Pinho: 2015). E, hoje em dia, os singularistas parecem menosprezar esses riscos, transformando-os em uma oportunidade para a transformação radical de tudo que jamais foi definido como humano (Kurzweil: 2014, 2019, 2000). Para contornar esses problemas e polêmicas do transumanismo, neste artigo chamaremos esse transumanismo de transumanismo perfectibilista. A despeito das variações de autores, vertentes e obras, trata-se de uma teoria em cujo cerne se encontra um projeto de aperfeiçoamento e de melhoria do ser humano. Em contrapartida, neste artigo nos propomos criar uma acepção estrita de transumanismo: transumanos são todos os

seres, eventos e instâncias que tornam o humano ex-cêntrico em relação a si mesmo e assim instauram o humano em sua humanidade (Petronio: 2015, 2025).

Nesse sentido, a potência transumana não implica necessariamente perfectibilidade, superação das determinações biológicas, tecnologias para matar a morte, processos de suspensão do envelhecimento, amortali-idade, dentre outros critérios que definem o transumanismo perfectibilista (Alexandre e Besnier: 2022). Transumanos em nossa acepção são todos os meios pelos quais o humano se excede a si mesmo e apenas assim se autodetermina em sua humanidade. Esses meios podem contemplar relações humanos-animais, humanos-vegetais, humanos-inorgânicos, humanos-tecnologias, dentre tantas outras. Ou seja: todas as relações humano-não-humano que tensionem as compreensões estabilizadas da humanidade que define o humano seriam relações transumanas (Petronio, 2025). Em outras palavras, o humano apenas se realiza a partir dos devires e dos agenciamentos que estabelece com os outros do humano, sejam eles animais, vegetais, minerais, maquínicos (Deleuze e Guattari: 1997).

Para evitar confusões, de agora em diante definiremos essa nossa acepção não-perfectibilista de transumanismo como um humanismo trans: uma variação do humano e do humanismo pensado a partir da teoria trans (Petronio: 2022, 2025). E, para distinguir ambas as vertentes, grafaremos de agora em diante essa acepção de transumanismo como trans:humanismo, com os termos separados por dois-pontos. O dois-pontos sinaliza uma recursividade e uma identidade entre *trans* e *humanismo*, podendo sinalizar que um é outro e outro é um. Entretanto, nessa acepção, o trans:humanismo não

seria uma transposição perfectibilista do humanismo. E muito menos sinalizaria para super-humanos, como tantas correntes transumanistas advogam. O trans:humanismo descreve o humano como um ser relacional, hibridizado e intersticial: um ser cujas propriedades emergem da relação com todos os seres não-humanos do universo, artificiais e naturais, orgânicos e inorgânicos, processuais e informacionais (Petronio: 2014, 2025). O ser humano não seria uma entidade mas uma entridade: um habitante de fronteiras (Petronio, 2025).

Para demarcar essa diferença entre esse trans:humanismo relacional e os transumanismos perfectibilistas, utilizaremos também a sigla H-. A sigla H+ é usada pelos transumanistas para postular o que vem depois do humano, entendendo-se esse movimento como um processo de superação e mesmo de erradicação de alguns atributos considerados estritamente humanos. Essa nova teoria trans:humanista segue mais de perto a proposta de Deleuze e Guattari, segundo a qual o devir das substâncias não se constitui por meio de um sinal de mais, mas de um sinal de menos cuja função seria: n elevado a -1 . A potência infinita dos seres em devir-outros e em se tornarem outros de si reside na capacidade negadora de sua essência e dos substratos que estabilizam as suas substâncias (Bensusan: 2017). Em vez de pensar o humano como um sinal de mais, devemos pensá-lo a partir de um mergulho nos reinos infra, meta e inumanos da natureza. O humano não pode nesses termos ser compreendido a partir de uma hipersubjetividade. O humano apenas pode ser compreendido a partir de uma hipossubjetividade: uma subjetividade inferior, infernal e sombria, emergente

das regiões abissais, onde todos os seres se tocam e se identificam (Morton: 2023, Petronio: 2023, Bataille: 1983, 2004).

O trans:humanismo seria então uma maneira de reconstruir o humanismo. Um modo de propor um novo humanismo para o futuro: um humanismo deflacionado e, por isso mesmo, avesso aos projetos imperialistas e coloniais. O trans:humanismo nos ajuda assim a construir um novo e inaudito humanismo, fora da chave antropocêntrica. E, ao mesmo tempo, pode ser uma maneira de potencializar todas as transversalidades que constituem os seres, em uma perspectiva radical e rigorosamente relacional. Essa aceção obviamente implica todas as virtualidades contidas no prefixo *trans*. E isso inclui obviamente aspectos de gênero contidos em todo debate das fronteiras do humano. O trans:humanismo, nesse sentido, necessariamente contempla um espectro *queer* (Morton: 2023, Preciado: 2014, Butler: 1990). O trans:humanismo é um humanismo *trans* e *queer*.

Como a teoria quântica se insere nessa concepção de trans:humanismo? A teoria quântica pode nos fornecer um novo modelo de consciência distribuída (Arroyo: 2024). Esse modelo não seria mais concebido a partir de interatores humanos, como se convencionou pensar os chamados observadores que alteram os fenômenos observados, demonstrando a hegemonia e o aspecto vicioso dos modelos antropocêntricos presentes nas ciências. Todos os interatores inumanos espaciais e temporais que se subdividem até os limites infinitesimais da escala de Planck são interatores. E, assim sendo, alteram virtualmente os dados da realidade observada, sejam eles quais forem. E todos os intera-

tores do universo são modulações de uma consciência humana-não-humana expandida e virtualmente presente em todo universo (Kuttner e Rosenblum: 2017). Para consumir essas articulações, outra abordagem da teoria quântica que utilizaremos aqui é a abordagem relacional de Carlo Rovelli (Rovelli, 2021, Benevides, Cassias, Escobar e Petronio: 2023).

2. ANDRÉ BAZIN: HUMANISMO TRANS:HUMANISTA?

Para descrever o esgotamento do humanismo em geral se recorre ao prefixo *pós*. O prefixo *pós* diz respeito às tentativas de superação dos impasses e aporias de uma determinada tradição. No caso, o *pós-humanismo* pode ser entendido como uma miríade de tendências que procuram realizar dois objetivos: 1. Sair da chave hegemônica do humanismo antropocêntrico ocidental. 2. Repensar a categoria mesma do humano, em sua plasticidade e nas alterações radicais de sua fisionomia, produzidas por diversos dispositivos contemporâneos, sobretudo as novas tecnologias. Nesses termos, um dos melhores caminhos seria proceder aqui a uma arqueologia dos *media*: uma investigação dos meios, concebidos como dispositivos de alteração do humano em direção ao *trans:humano*.

Não é de hoje que a relação entre humanismo e tecnologia produz inquietações intelectuais. O advento das chamadas “máquinas de imagem” (Dubois: 2004, p. 33) – da câmara escura à fotografia e o cinematógrafo – constitui diretamente uma ruptura nas práticas de figuração tradicionais, acompanhada tanto por elogios quanto às suas possibilidades estéticas, como por polêmicas em relação à tensão entre a atividade humana e o processamento técnico. Na medida em

que operam por próteses da visão, os aparelhos introduzem no processo de constituição da imagem uma tecnologia pré-pictórica, que organiza o olhar antes da intervenção humana, por meio de agenciamentos máqunicos. Philippe Dubois se debruça sobre essa antiga relação, compreendendo que o surgimento da imagem em movimento move um passo além da mediação entre sujeito e realidade (Dubois: 2004).

Para Dubois, enquanto a câmara escura, aparelho óptico milenar, atua como um instrumento que “aprofunda a percepção visual do olho humano” (Dubois: 2004, p. 36-37), ao que se sucede a intervenção gestual do artista; a máquina fotográfica, através de um mecanismo de reprodução “objetivo”, produz por si própria a inscrição imagética, de modo que a ação humana “passa a ser um gesto mais de condução da máquina do que de figuração direta” (Dubois: 2004, p. 38). Esse debate é sintetizado pela obra do crítico que mais esteve preocupado com a ontologia da imagem técnica e sua relação com a realidade: o francês André Bazin (1918-1958).

Teórico do pós-guerra, para Bazin essa dimensão “objetiva” do funcionamento fotográfico surge como um divisor decisivo na história da representação artística: “pela primeira vez, entre o objeto inicial e sua representação nada se interpõe, a não ser outro objeto. [...] Todas as artes se fundam sobre a presença do homem; unicamente na fotografia é que fruímos de sua ausência” (Bazin: 2018, p. 32). Vê-se aqui claramente uma refutação das diretrizes antropocêntricas que guiaram o imaginário humanista. Deste modo, ela adquire também uma dimensão antropológica (Elsaesser: 2018, p. 117), que, para Bazin, remete à antiga prática

egípcia de embalsamar os cadáveres: a vitória contra a morte e a luta por parar o tempo no instante decisivo. Bazin chega a afirmar que, se “a perspectiva foi o pecado original da pintura ocidental”, “Niépce e Lumière foram os seus redentores” (Bazin: 2018, p. 30), na medida em que a imagem fotográfica livra as artes figurativas de sua obsessão pela semelhança. Nesse sentido, o cinema estaria um passo adiante da fotografia: ao inserir a dimensão temporal em seu funcionamento, também faz com que a imagem das coisas seja a de sua duração (Bazin: 2018, p. 33), tendendo a aproximar-se cada vez mais de uma representação à imagem do real. Como afirma Ismail Xavier (2021), “a sutil diferença entre dizer que algo é uma ‘imagem de’ e dizer que algo é ‘feito à imagem de nós fornece um exemplo dos inúmeros jogos de palavras que tornam a leitura de Bazin fácil apenas na sua aparência” (Xavier: 2001, p. 83).

O interessante, nesse sentido, é notar a dimensão radicalmente pós-humanista ou anti-antrópocêntrica da teoria de Bazin, posição corroborada por alguns de seus principais estudiosos, como Tom Gunning, Angela Della Vacche e Dudley Andrew. Enquanto teórico realista, interessa-lhe pensar o cinematógrafo como uma máquina de mediação, em que a intervenção criativa humana é subsumida pelo automatismo da máquina. Desse modo, sem ser fruto direto de uma subjetividade determinante, a imagem representada é fiel à realidade das coisas — aqui entende-se a *physis* e uma visão integrada dos seres orgânicos e inorgânicos, uma fenomenologia ligada ao movimento de “contemplanção reveladora (de um transcendente que se insinua no real, em última instância, representado na ambiguidade e no mistério que rodeia os fatos e as coisas)” (Xavier: 2001, p. 90).

Para Tom Gunning, embora Bazin afirme que o cinema é um fenômeno idealista, ligado a desejos antigos da humanidade e realizados pela criatividade de alguns inventores, seu mito é o de uma arte que vai além de interesses particulares, criando uma imagem do mundo independente da intervenção do sujeito (Gunning: 2011, p. 123). É importante apontar que essa noção foi posteriormente criticada pela teoria do dispositivo e a tradição no cinema ligada à semiologia, à linguística e à desconstrução (representada por nomes como Christian Metz, Jean-Louis Comolli, Jean-Louis Baudry e Laura Mulvey), em relação ao mecanismo alienante do cinema narrativo e de sua relação de projeção-identificação, teoria que “identifica o visível com o ideológico por definição” (Xavier: 2001, p. 148). No entanto, permanece relevante, por ser o referencial de onde partem todas essas teorias e que permite pensar um modelo para compreender o cinema em uma perspectiva histórica, bem como sua relação dialética com a técnica.

Por esse motivo, dentro da perspectiva da arqueologia das mídias, Thomas Elsaesser pensa o cinema como um modelo de *dispositif* do qual não se separam, por exemplo, a fotografia, o vídeo, a televisão e mesmo o digital. Embora haja, evidentemente, uma diferenciação determinante no contexto sociocultural, é possível conceber as diferentes mídias em uma dinâmica mutuamente interativa (Elsaesser: 2018, p. 113) e historicamente circular. Nesse sentido, pensar a especificidade ontológica do cinema também significa pensar, de maneira mais ampla, a possibilidade artística na relação humano-máquina, bem como pensar a mídia como uma maneira de compreender a indexicalidade pro-

funda que existe entre a história e as imagens — ideia também presente, para Elsaesser, na teoria de Walter Benjamin sobre a aura e a fotografia.

A dialética humanismo-maquínismo no cinema, portanto, não deve ser entendida como inconciliável, mas como uma mediação da qual se produz um imaginário próprio — para Dubois, maquinaria na qual o Sujeito da imagem estaria menos do lado do artista que do investimento imaginário do próprio espectador em sua produção de afetos:

Vemos assim que a questão da relação maquinismo-humanismo é menos histórica na progressão contínua (cada vez mais máquina para menos humanidade) do que filosófica na tensão dialética que sempre varia, mas não linearmente. É portanto a questão de uma modulação entre os dois polos, humanismo e maquinismo, que são na verdade sempre co-presentes e autônomos. A dialética entre estes dois polos, sempre elástica, constitui o aspecto propriamente inventivo dos dispositivos, em que o estético e o tecnológico podem se encontrar. (Dubois: 2004, p. 44-45).

Para Angela Della Vacche, a ontologia baziniana se funda em um tripé: a vocação anti-antropocêntrica do cinema, sua busca cosmológica pela realidade das coisas e a simbiose que ele possibilita através de seus encontros (Vacche: 2011, p. 142). Nesse sentido, pode-se afirmar que Bazin propõe a inserção de um novo paradigma de humanismo na teoria de cinema, ligado à realidade de uma Europa pós-guerra em reconstrução — de modo que o cinema seria também um meio através do qual podem emergir novos modos de alteridade e de comunidade, que se oporiam tanto ao utilitarismo individualista quanto ao coletivismo massificado dos projetos políticos de seu período (Vacche: 2011, p. 147).

Essa dimensão, na obra de Bazin, se faz presente especialmente em dois aspectos de sua teoria. O primeiro diz respeito à ontologia realista da imagem fotográfica, como citado. O segundo está relacionado ao contraponto que ele realiza no final de seu artigo “Ontologia da Imagem Fotográfica”: “por outro lado, o cinema é uma linguagem” (Bazin: 2018, p. 35). Ao reconhecer a importância da constituição de um modo enunciativo na forma do filme, Bazin afasta-se do realismo ingênuo – do qual muitos levemente o criticam – e reconhece o cinema como meio de articulação do olhar, aspecto elucidado por seu artigo “Montagem Proibida”. Nele, a partir da análise do filme *Balão Vermelho* (1956, de Albert Lamorisse), Bazin extrai uma “regra” para o respeito da realidade no processo de montagem do filme: “quando o essencial de um acontecimento depende de uma presença simultânea de dois ou mais fatores da ação, a montagem fica proibida” (Bazin: 2018, p. 98).

No filme de Lamorisse, sobre um menino solitário que encontra um balão vermelho capaz de movimentar-se livremente, como se tivesse consciência, é a presença conjunta do menino e do balão na fronteira do mesmo plano que garante o realismo de sua encenação e a dimensão lúdica da coabitação entre o garoto e o objeto:

E que importância tem isso, dirão, se o resultado é o mesmo: fazer com que acreditemos que há um balão na tela capaz de seguir seu dono como um cachorrinho? Mas é justamente porque com a montagem o balão mágico só existiria na tela, enquanto o de Lamorisse nos remete à realidade. (Bazin: 2018, p. 92)

Expandindo esta preocupação para filmes que apresentam situações com animais, encontra-se no artigo uma chave para entender a teoria de Bazin e o cinema como uma “história de feras”, como afirma o crítico Serge Daney (Daney: 2007, p. 55). É comum, nos textos de Bazin, a menção aos animais.

Como resgata Jennifer Fay, em seu artigo “Seeing/Loving Animals: André Bazin’s Posthumanism”, o amor de Bazin pelas outras espécies é algo que se estende para além do cinema: o crítico francês criava de papagaios a esquilos, tartarugas, camaleões, iguanas e até mesmo um crocodilo (Fay: 2008, p. 41). Uma de suas fotos mais emblemáticas o mostra segurando um gato, que parece encontrá-lo na mesma expressão facial (Figura 1) – atestado fotográfico, e portanto ontológico, de sua profunda relação de alteridade inter-específica. Não é coincidência, portanto, que quando irá demonstrar o aspecto realista do cinema, ele recorra a filmes em que humanos e animais coabitam: as focas de *Nanook* (Robert Flaherty, 1922), os cavalos de *Crin Blanc* (Albert Lamorisse, 1952), o leão em *O Circo* (Charles Chaplin, 1928) (Figura 2) e o cachorro de *Umberto D.* (Vittorio de Sica, 1952) (Figura 3). Poderíamos expandir essas relações para tantos momentos do cinema clássico e moderno: o cachorro intuitivo e a corrida do porquinho de Murnau (*Aurora*), o burro protagonista de Bresson (*A Testemunha*), os pássaros de Hitchcock (*Os Pássaros*), a planta carnívora de Murnau (*Nosferatu*), os atuns de Roberto Rossellini (*Stromboli*), dentre tantos outros exemplos de alteridade interespecista.

Em seu artigo “A Tela do Fantasma”, o crítico Serge Daney afirma que os exemplos de cenas com animais citados por Bazin dizem respeito a um aspecto

essencial de sua compreensão do cinema, relacionado à sua obsessão com “a capacidade do cinema de registrar transformações irreversíveis, como a morte e o nascimento” (Fay: 2008, p. 42) – aqui deve-se lembrar da dimensão simbólica que o teórico atribui ao cinema, como um meio capaz de preservar a passagem do tempo, evitando uma “segunda morte espiritual” que levaria o homem ao esquecimento definitivo (Bazin: 2018, p. 28).

Daney irá argumentar que, para Bazin, o que proíbe a montagem é justamente “a possibilidade de filmar a morte” (Daney: 2007, p. 56). A partir de uma série de binômios que ele identifica na obra de Bazin – homem/animal; um/outro; homem/homem; antes/depois; vida/morte – Daney compreende que o tipo de montagem ao qual Bazin se opunha seria uma morte generalizada que não evidencia seus perigos na realidade do plano, privando “o obsessivo de sua fantasia” (Daney: 2007, p. 56). Nesse sentido, o grande erotismo de Bazin: o cineasta deve merecer suas imagens, mesmo que elas tragam consigo a iminência de algum tipo de morte (Daney: 2007, p. 61), como no caso de Carlitos preso na mesma jaula que o leão, e igualmente detido no mesmo plano cinematográfico – é justamente a coabitação nas fronteiras do quadro que constitui o perigo da convivência ao qual o espectador não se deve furtar de olhar. Essa dimensão entre realidade e morte é claramente exposta nos escritos de Bazin: “mostrar em primeiro plano um ‘selvagem’ cortador de cabeças vigiando a chegada dos brancos implica forçosamente que o indivíduo não é um selvagem, já que não cortou a cabeça do câmera” (Bazin: 2018, p. 63). Desse modo, para Daney a tela se torna uma espécie de “panela” que, ao queimar a realidade, o significante, expõe a

“pele” ao perigo do real: “assim o cinema da transparência se apaixona apenas por aquilo que o limita, o impede. Ele cria um culto apenas porque sabe que – de todo modo – ela [a realidade] não existe” (Daney: 2007, p. 57). O animal, nesse sentido, é o Outro invisível, com cuja habitação o homem enfrenta tanto uma morte física como simbólica, dentro do filme.

Fay irá estender esta interpretação para pensar a obsessão de Bazin com os animais como uma expressão direta de seu pensamento pós-humanista e, pensado em nossos termos, trans:humanista. Na medida em que esta defesa de cenas com animais retira o humano do centro do mundo (atitude ligada também à objetividade do aparato cinematográfico, que para Bazin não diferenciaria humano e natureza), o realismo é também uma forma de percepção que “revela detalhes de uma vida animada e inanimada perdida para a atenção e a história antropocêntrica” (Fay: 2008, p. 42, tradução nossa).

Nesse sentido, pode-se afirmar que Bazin é um autor-proponente de um novo humanismo trans:humanista, que transcende os interesses do olhar humano para pensar o mundo como convivência de alteridades que inclui éticas, discursos e direitos não-antropocêntricos. Ao defender que se viva o perigo da coabitação, a tese de Bazin é de uma defesa radical do cinema como meio que transcende as formas convencionais do olhar, tensionando os limites do corpo humano e produzindo uma convergência entre o tempo da civilização e o da natureza (Fay: 2008, p. 50). A própria imagem se encontraria além do desejo humano, encontrando uma singularidade partilhada entre os seres e o mundo (p.

51). Através da natureza realista do cinema como janela para o mundo, assim o elemento humano também se veria em tela como um “outro” (Vacche: 2011, p. 150).

Ainda na tradição de Daney, Seung-Hoon Jeong argumenta que a presença dos animais no cinema e nos textos de Bazin também diz respeito a um acordo entre a representação, do lado do diretor, e uma crença no imaginário e na ilusão, por parte do espectador (Jeong: 2011, p. 179). À medida que a representação da morte é a verdadeira “obscenidade da imagem cinematográfica”, Bazin aceita o fato de que não se pode capturar plenamente a imagem do animal, e de que este é invisível diante da constante utopia não-realizada do cineasta de parar a morte e o tempo (Jeong: 2011, p. 184). Neste sentido, o cinema não se encontra senão na sua dimensão relacional, na maneira com que espécies e coisas se juntam ao humano em suas diferenças singulares. Compartilharia assim a crença em um campo emaranhado e relacional de algumas das mais importantes interpretações da Mecânica Quântica, de David Bohm a Carlo Rovelli. O animal estaria, portanto, entre o visto e o não visto, entre a subjetividade e o nada (Jeong: 2011, p. 182).

Esta perspectiva está profundamente alinhada à ontologia contemporânea dos não-humanos e ciborgues, representada por Donna Haraway, filósofa, zoóloga e escritora estadunidense, que pensa a história como um processo de coabitação e coevolução interespecista (Haraway: 1990, p. 12). Para Haraway, ciborgues e animais seriam parte da mesma família *queer* de espécies companheiras, que estabelecem com os humanos relações de alteridades significativas (Haraway: 1990, p. 19), na medida em que se respeitam suas parti-

cularidades como espécies coevolutivas – relação não necessariamente agradável, mas obrigatória enquanto parte do sistema natureza-cultura. A emergência dos seres ocorre sempre em simbiogênese: nos interstícios relacionais da simbiose humano-não-humano. Pensando a afinidade interespecífica entre humanos e cachorros, Haraway afirma: “quero convencer meus leitores de que, enquanto habitantes da tecnocultura, é nos tecidos simbiogenéticos da natureza-cultura que nos tornamos quem somos, nas narrativas e nos fatos” (Haraway: 1990, p. 24). É impossível não pensar, por exemplo, no cachorro com quem Umberto D. (De Sica, 1952) divide sua trajetória, e com quem sabe que deve morrer junto para não deixá-lo sozinho.

O resgate da teoria de Bazin, nesse sentido, permite pensar o mundo contemporâneo a partir das imagens, na medida em que aponta caminhos para entender o cinema como mediação de entridades heterogêneas e como um agregado relacional de *media* trans:humanas, em que a tecnologia pode ser também um meio para distribuição do sensível entre as diferentes formas de vida orgânica e inorgânica, do mesmo modo que Bazin comparara a simbiose entre tela e pintura como uma espécie de líquen, que estabelece uma parceria entre diferentes mídias e formas de sentir. Para Angela Della Vacche, esse processo permite pensar “mediações entre o humano e o não-humano, entre arte e cultura, e, ao fazer isso, promover os dois lados, enquanto estão dispostos a aceitar um ao outro e celebrar suas diferenças ontológicas” (Vacche: 2011, p. 148).



Figura 1 — André Bazin e gato. Créditos: Wikimedia Commons.



Figura 2 — *Umberto D.* (Vittorio De Sica, 1952).



Figura 3 — *O Circo* (Charles Chaplin, 1928).

3. CORPO, TERROR E TECNOLOGIA

A grande herança da crítica cinematográfica do período pós-guerra foi a reintrodução da importância da análise da *mise en scène*, termo francês que abrange a disposição e a movimentação dos persona-

gens, dos objetos e da própria câmera em uma cena específica, intrinsecamente ligado à corporalidade e à expressividade do corpo no espaço cinematográfico. Essa premissa foi seminal para o desenvolvimento da política dos autores, concebida pelos jovens cineastas da Nouvelle Vague, discípulos de Bazin, que desempenharam um papel crucial na transformação do cinema moderno. Dessa forma, a interconexão entre corpo, movimento e a *mise en scène* não apenas fundamenta o tecido narrativo do cinema, mas também delinea sua evolução estilística e estética ao longo das décadas.

Paralelamente a esse movimento, na segunda metade do século XX, surgiu o transumanismo. Conforme mencionamos, o transumanismo fundamenta-se na premissa de que os seres humanos, em sua condição presente, não representam o ápice de seu desenvolvimento evolutivo, mas sim encontram-se em uma fase inicial desse processo. Este movimento visa aprimorar a condição humana por meio da aplicação de avanços científicos e tecnológicos, sustentando a convicção de que tais progressos serão de magnitude suficiente para transcender a categorização atual dos seres humanos. Os pós-humanos seriam os humanos intermediários de um processo que culminaria com os transumanos: os humanos que transcendam finalmente a biologia, para usar a expressão de Ray Kurzweil (Kurzweil: 2014). Os adeptos mais extremistas desse movimento contemplam a possibilidade de alcançar a imortalidade como um objetivo viável e desejável. Ao buscar uma transformação radical por meio da fusão entre ciência, tecnologia e a experiência humana, o transumanismo propõe uma visão futurista que desafia as fronteiras

convencionais da existência humana e aponta para uma potencial redefinição do próprio conceito de humanidade (Humanity+: 2015).

Embora alguns transumanistas afirmem que suas ideias existem há milênios, é geralmente reconhecido que a fundação do movimento e criação do termo “transumanismo” podem ser atribuídas a Julian Huxley (Elliot: 2003), biólogo e irmão de Aldous Huxley, autor de *Admirável Mundo Novo* (1932). O

Manifesto Transumanista, publicado inauguralmente em 1983, tornou-se uma peça central na consolidação e disseminação dessas ideias, ganhando proeminência recentemente em virtude dos rápidos avanços na ciência e na tecnologia. Tais progressos têm possibilitado a contemplação de cenários que, décadas atrás, seriam considerados prerrogativas exclusivas da ficção científica (Humanity+: 2015).

Diversos indicadores são apontados como evidências potenciais da realização da imortalidade. Destacam-se, dentre eles, a viabilidade do transplante de órgãos e o desenvolvimento de órgãos biônicos. A perspectiva de substituir órgãos disfuncionais por meio de transplantes, aliada à concepção de órgãos biônicos, sugere a possibilidade de superar a mortalidade orgânica (Elliot: 2003). Ademais, as modificações genéticas emergem como um mecanismo estratégico. Os transumanistas advogam pela alteração do genoma humano como uma intervenção eficaz para a consecução dos denominados “pós-humanos”. Ao assumir controle sobre os elementos genéticos, a habilidade de modificar diversas características do corpo humano é postulada, incluindo a capacidade de influenciar a natureza e características de gerações futuras, pers-

pectiva explorada no filme *Gattaca: Experiência Genética* (1997), uma narrativa ficcional que antecipa as possibilidades e desafios éticos associados à manipulação genética (Elliot: 2003).

Destaca-se também a progressão da nanotecnologia. Segundo as projeções de Eric Drexler, a nanotecnologia viabilizaria a criogenia humana, um processo que envolve a preservação de corpos humanos por meio do congelamento, com a perspectiva de ressuscitá-los no futuro, concebida pelos transumanistas como uma estratégia de preservação até o auge do desenvolvimento científico. Essa tecnologia poderia transcender as limitações naturais do homem, desencadeando uma série de possibilidades, como a erradicação de doenças, mediante a reparação de células, design de DNA e edição gênica, impulsionando substancialmente a longevidade e a expectativa de vida humana. De outra forma, basta congelar o indivíduo e esperar o momento em que a cura de sua doença já tenha sido descoberta (Elliot: 2003).

As aplicações potenciais da nanotecnologia também incluem o escaneamento integral do cérebro humano, possibilitando sua transferência para sistemas computacionais. Essa técnica sugere a transição da consciência humana para um formato digital como uma forma de expansão das fronteiras da experiência humana, impulsionando a busca pela transcendência das limitações biológicas. Este avanço, assim, configura-se como um componente integral no imaginário transumanista, ampliando as perspectivas sobre as potenciais transformações no âmbito da vida e da existência humanas. A própria transferência de consciência ao meio digital está presente na série *Years and Years*

(2019), de Russel T. Davies, que representa uma jovem garota transumanista que deseja fazer essa operação por não estar satisfeita com seu corpo, mas encontra resistência em sua família, que não entende a decisão. E inúmeras alterações defendidas pelos transumanistas permeiam o imaginário coletivo, desde o final do século XIX até os dias de hoje, sobretudo nos universos *sci-fi*.

Não tardou para que essas experiências e suas questões éticas fossem exploradas no audiovisual. Há uma qualidade inerente de estranheza e disrupção no cinema, que ao longo das décadas tem sido reprimido. Porém, essa estranheza o torna particularmente apto para explorar as complexidades da forma transumana e as interconexões entre o ser humano e a máquina. Segundo Nicholas Royle, a própria “indústria do cinema poderia ser definida como uma forma paliativa de reprimir a estranheza do filme” (Royle: 2013). Este traço peculiar revela-se de maneira mais evidente no domínio do cinema de terror, notadamente nas obras de David Cronenberg, um destacado representante do gênero de horror corporal (*body horror*). Essa peculiaridade encontra-se estreitamente associada à abordagem do corpo na filmografia do diretor. O subgênero do horror corporal, que se concentra nas mutações e metamorfoses físicas, proporciona um terreno fértil para a manifestação da estranheza latente no cinema.



Figura 4 — *A Máquina de Alex* (2023), dirigido por Maël Le Mée.

Como estabelecido, a conexão intrínseca do cinema com o corpo permeia a construção deste elemento artístico. A obra de David Cronenberg exerceu notável influência sobre outros cineastas, como ilustrado no curta-metragem *A Máquina de Alex* (2023), dirigido por Maël Le Mée (Figura 4). O filme explora um universo onde os carros são seres vivos, com órgãos no lugar de seus motores e engrenagens e, portanto, os mecânicos se tornam médicos que operam nessas máquinas orgânicas. A concepção da obra, alinhada a diversos outros exemplos presentes na história do *body horror*, dialoga com a proposta teórica de André Bazin e Donna Haraway, ao vislumbrar a possibilidade de um cinema não-antropocêntrico. Podemos dizer: um transcinema trans:humanista. Nessa perspectiva, a narrativa propõe um universo no qual os humanos coexistem em igualdade com outras formas de vida, transcendendo as barreiras tradicionais entre o humano e o não-humano.

A personagem principal do filme estabelece uma relação com uma máquina que ela mesma criou, interação desaprovada pelos habitantes da cidade, gerando um conflito que espelha a dicotomia entre o pensamento humanista tradicional e aquele defendido por André Bazin. Os demais personagens recusam reconhecer a possibilidade de uma relação entre o ser humano e a máquina, refletindo uma perspectiva antropocêntrica arraigada em seu entendimento de mundo. Segundo essa lógica, qualquer interação entre humanos e máquinas é percebida como degradante, uma vez que, na visão predominante, o ser humano ocupa uma posição hierárquica superior à máquina. O ponto de convergência entre os cineastas reside na defesa de um humanismo que não se sobreponha de maneira exclusivista a outras formas de vida. Ambos propõem uma visão mais inclusiva e equitativa, na qual a relação entre humanos e tecnologia transcenda as fronteiras convencionais, contemplando uma coexistência colaborativa. Essa noção simbiótica e colaborativa interespecista atravessa toda cadeia do ser, desde os processos artificiais produzidos pela tecnociência às mais profundas instâncias meta-humanas da animalidade e da vegetabilidade. Esse tensionamento produz o horror da deformação. A deformação gera horror justamente porque sinaliza a decomposição do corpo humanista antropocêntrico que, durante milênios, serviu de parâmetro para todas as figurações dos corpos e dos humanos. Tendo em vista esse transcinema trans:humanista que pretende superar os paradigmas humanistas da representação, vale a pena nos atermos a um dos maiores cineastas em atividade hoje: David Cronenberg.

4. CORPO, CIBORGUE E CRONENBERG: O PARADIGMA CCC

Afastando-se da concepção perfectibilista e melhora do transumanismo, surge uma perspectiva aliada do trans:humanismo defendido aqui: a perspectiva compostista. A teoria compostista dialoga com o aspecto biológico dos seres vivos e inanimados, e Donna Haraway é uma de suas maiores expoentes. Como o nome sugere, o compostismo define o ser humano como uma unidade orgânica-inorgânica composta de infinitas outras unidades não-humanas da mesma natureza. Essa visão compreende a evolução das espécies a partir das condições contingentes das relações entre natureza e tecnologia. Essas relações emergem da rica decomposição orgânica e das condições histórico-ambientais nas quais surgiram. Na contramão do determinismo, Haraway defende o compostismo como uma forma de reconhecimento da especificidade que diferencia cada ser e atesta sua existência para além dos modelos reducionistas da ciência moderna. Chamaremos esse novo paradigma compostista de representação do audiovisual de Paradigma CCC: Corpo, Ciborgue e Cronenberg.

O compostismo produz ainda outras rupturas em relação ao paradigma da ciência e do sujeito modernos, dentre elas a hierarquia homem e animal e a contraposição entre natureza e cultura. Em vez disso, Haraway compreende um processo de “natureza-cultura” em que ambos se misturam e se tornam indissociáveis na experiência dos seres, na medida em que se relacionam e se afetam mutuamente (Haraway: 2005). Nesse sentido, a autora etnografa humanos e não-humanos de um modo que extrapola a ciência moderna, pois esta se-

para o cientista (humano) de seu objeto (o mundo que habita e as coisas nele contidas). Um dos postulados centrais da teoria quântica é a alteração que quaisquer observadores-interatores produzem nos fenômenos e nos resultados objetivos obtidos por meio da experimentação. Isso não significa que não haja objetividade da mensuração. Tampouco significa que o sujeito de *per se* cria o mundo e o mundo seria, nesse sentido, destituído de objetividade. Como o realismo de Bazin, significa que uma nova concepção expandida e englobante de objetividade precisa necessariamente incluir campos cada vez mais vastos e heterogêneos de observadores-interatores. Apenas assim podemos criar um novo realismo e uma nova objetividade que estejam à altura da complexidade da natureza e do universo.

Compreender os processos que conectam humanos e não-humanos indissociavelmente e a forma com que um não pode se dar sem o outro: essa é a chave para o pensamento complexo e fractal de Haraway, regido pelos princípios holográficos, segundo os quais o todo é maior do que a soma das partes e o todo estaria contido nas partes (Morin: 2015). Paralelamente, dado que os seres existem apenas como emaranhados e apenas à medida que se relacionam nas malhas da concrecência do mundo atual, distanciamos-nos aqui de todo essencialismo perfectibilista e melhorista do transumanismo que, no limite, segrega os seres e os hierarquiza por meio de uma cripto-eugenia¹. Por sua vez, a autora vê nos corpos historicamente subjugados e biologicamente alterados uma tecnologia de corpos

1 “Concrete” ou “concrecence of prehension” — um termo emprestado por Haraway de Alfred North Whitehead para se referir a uma “ocasião de fato” dada pela interação entre seres que tanto se constituem uns aos outros quanto se constituem a si mesmos (Haraway, 2005, p. 6).

em coevolução². E, mais do que isso, a potencialidade de pensar os processos adaptativos de Darwin sob o ponto de vista relacional, não apenas como respostas dos seres vivos a um ambiente hostil e muitas vezes apenas inerte.

Nesse processo, as relações interespecíficas ganham mais destaque, pois são indissociáveis do ser e vice-versa. Também não há um senso de exclusivismo entre espécies, permitindo um estudo sério do companheirismo entre elas, bem como das tecnologias adotadas por um ser como meios (*media*) de expansão de suas habilidades e funcionalidades. E esse seria o caso dos ciborgues³. Não havendo, portanto, um fundamento comum que defina e classifique cada qual ser, a permeabilidade entre eles e a permissividade com que alterações ocorrem os dota de uma plasticidade potente, passível, dentre outras coisas, de sobrevivência.

David Cronenberg é um dos maiores catalisadores dessas questões trans:humanistas no audiovisual. Desde o começo de sua carreira, Cronenberg dinamita o âmago dos discursos humanistas. E transpõe algumas das principais fronteiras estabelecidas entre humanos, animais e máquinas. Cronenberg é um mestre da narrativa e da dramaturgia. E isso se evidencia em sua obra de matriz mais realista que conta com obras-primas como *Marcas da Violência* (2005), dentre outras. Uma das chaves de sua arte, o tema da violência surge aqui em um enquadramento mais realista e menos con-

2 A coevolução, em Haraway, busca levar em conta a via de mão-dupla do contingente de relações que impacta qualquer corpo em processo evolutivo ao passo que este afeta os corpos ao seu redor, também em processo evolutivo.

3 Haraway discorre sobre em uma publicação mais antiga, chamada *Simians, Cyborgs and Women: The Reinvention of Nature*, na qual está contido um de seus escritos mais populares, o *Manifesto ciborgue* (Haraway, 1990).

centrado em especulações ontológicas que marcam sua produção mais tecnicamente trans:humanista. Essas especulações passam a percorrer toda sua filmografia, e se materializam nos apagamentos cada vez mais profundos das fronteiras artificial-natural.

Esse apagamento é trabalhado em suas origens profundas, históricas e antropológicas, como se pode ver no curta-metragem *Four unloved women, adrift on a purposeless sea, experience the ecstasy of dissection* (Cronenberg: 2023). O curta traz para cena as figuras femininas humanas de cera do século XVIII, em consonância e em contraste com os humanos-máquinas de Descartes e de La Métrie, dentre outros pensadores de uma mecanização integral dos seres vivos. Ao mesmo tempo, semelhantes a manequins, as personagens exponencializam a organicidade por meio de órgãos projetados para fora do corpo-escultura, simulando que foram violentadas. Os corpos deitados flutuam placidamente sobre boias em uma piscina. As feições sugestivamente indígenas de algumas das manequins nos conduzem a uma operação interessante de signos. Temos uma sobreposição de um campo de signos relativo às casas luxuosas, vistas e revistas nas estereotipias de n-filmes. E temos as marcas da violência expropriadora da interioridade, os órgãos expostos e cristalizados, como se fossem parte de uma escultura, um buquê aberto da morte ou o resultado de um ritual de canibalismo. Ao mesmo tempo, os rostos tranquilos das personagens nos remetem a um esvaziamento do *pathos* trágico.

Se entendermos a tragédia como a tentativa de conciliação de antinomias inconciliáveis, a arte de Cronenberg de fato corta todos os acessos à tragédia.

A tragédia seria uma maneira romântica ou burguesa de trabalhar as fraturas de um imaginário, buscando uma conciliação entre forças autoexcludentes. O mito trágico e romântico por excelência seria Frankenstein. Contudo, o universo de Cronenberg dispensa essas efusões românticas e essa profundidade trágica, ambas sequestradas pela imaginação conservadora. Como artista e pensador trans:humanista, interessa-lhe mais agir com a frieza de um dissecador de cadáveres: explicitar o capitalismo do século XXI, mostrando, simultaneamente, as contradições do sistema e as potências revolucionárias latentes nesses ciborgues dissidentes e monstros *queer*.

Os filmes dos anos 1980 como *Videodrome* (1983), *Gêmeos: Mórbita Semelhança* (1988) e sobretudo *A Mosca* (1986) estabelecem as bases desse projeto de radicalidade ímpar no audiovisual contemporâneo. Para consumir esse projeto, Cronenberg precisa recorrer a um imaginário delirante e mesmo tecnicamente psicótico, mesmo quando não segue as premissas de embaralhamento trans:humanista dessas fronteiras ontológicas. Por isso, *Mistérios e Paixões* (1991), adaptação de *Naked Lunch* (1959), romance autobiográfico no qual William Burroughs descreve suas experiências-limite com drogas, é importante para expandir as portas da percepção e as fronteiras da representação do corpo.

Outros filmes, como *Cosmópolis* (2012) e *Mapas para as Estrelas* (2014), mesmo se valendo de recursos do horror corporal, funcionam como demarcadores de uma dimensão essencial da arte de Cronenberg: a dimensão política. Essa dimensão se expressa em uma ironia corrosiva dos mecanismos do capitalismo. Essa ironia se produz a partir de um trabalho consciente em

torno dos clichês industriais do audiovisual. Sejam as aspirações de Hollywood ou de Wall Street, sejam os lugares-comuns que hoje em dia dominam o oceano de imagens da internet, Cronenberg opera assim uma recodificação dos campos previamente estabilizados do imaginário coletivo (Foster: 1996), conduzindo-os assim a um processo de autodestruição.

Nesse sentido, o tensionamento do humano e do corpo em direção ao seu Outro apaga as demarcações atuais do corpo e do humano. Esse apagamento de fronteiras demonstra o funcionamento do biopoder cujo objetivo é a expropriação da vida. Paradoxalmente, essas forças não podem ser combatidas a partir de perspectivas naturalistas ou idealistas, anteriores ou posteriores à hibridização de humanos, animais e máquinas. Se postularmos uma possibilidade de purificação desses corpos híbridos (Latour: 1994), tornaremos a operação de expropriação da vida pelo Capital duplamente bem-sucedida. Apenas uma aposta na monstrosidade pode salvar a monstrosidade e conferir-lhe a dignidade que lhe cabe e que lhe foi alienada. O monstro é o que sobra de um processo de depuração cujo objetivo seria atingir o sucesso. Em outras palavras, o monstro não cabe nem na linguagem nem no Capital (Žižek: 2014). Em certo sentido, aspirar à monstrosidade seria o oposto simétrico dos projetos transumanistas. As estratégias do biopoder produzem o monstro não para autonomizá-lo em sua monstrosidade, mas para melhor controlá-lo e se valer dele para fins utilitários.

A arte de Cronenberg tematiza o monstro e, ao mesmo tempo, mostra que a monstrosidade é apenas um sinônimo para a vida que se excede a si mesma.

Uma tripla tautologia, na medida em que monstro, vida e excesso são apenas termos diferentes para designar as formas mais elevadas de potência. E apenas assim, monstruosa, a vida consegue escapar dos agentes de sua alienação, que a querem em uma jaula, não ao ar-livre. Normatizar o monstro é um dos projetos liberais em curso e em franca expansão. Essa normatização depende que paradoxalmente neutralizemos a monstruosidade do monstruoso. Ou seja: que vivamos em um mundo disfuncional sem que reconheçamos essa disfuncionalidade. O trans:humanismo aqui tem um papel fundamental: explicitar a violência e as contradições da monstruosidade. A despotencialização da vida não estaria na constituição ambivalente do monstro como monstro, híbrido tentacular, proteiforme, disforme e multiforme de humano-máquina-animal. Estaria, sim, na impossibilidade de fornecer os meios para a sua emancipação, para o reconhecimento de sua dignidade e de sua efetividade política e ontológica. Esses processos encontram suas expressões mais cabais em *Crash: Estranhos Prazeres* (1996), *eXistenZ* (1999) e *Crimes do Futuro* (2022).

Em *Crimes do Futuro*, interpretado por Sozos Sotiris, Brecken é um menino capaz de digerir plástico. O pensamento compostista se situa nessa fronteira, e trata das divergências possíveis entre os seres futuros e a ocasião que os precedeu. Cronenberg explora na ficção científica o que Haraway instiga com sua fabulação especulativa, isto é, formas de interação norteadas por novas formas de sobrevivência: a solidariedade simbiogênica trans:humana. No filme, a mutação humana ocorre na forma de tumores que, se não removidos, podem produzir uma ferramenta biológica, um apêndice útil para a manutenção do ser que o carrega. Em um

Antropoceno geologicamente marcado por microplásticos, a ideia de uma espécie compostista desse derivado petroquímico parece digna de entreter.

O conflito externo gira em torno da aceitação dos não-humanos que carregam as mutações, e se concentra em uma vertente social humana chamada “moral”, organizadora dos diversos sistemas relacionais dessa espécie. O enredo contrapõe os puristas àqueles que acreditam na instrumentalização das alterações biológicas. A discriminação enfrentada pelos protagonistas do filme espelha uma dinâmica semelhante a *A Máquina de Alex* (2022). Alex é a única garota de um curso de biomecânica automotiva e precisa construir um motor feito de carne artificial. Contrariamente ao esperado, ela passa a sentir prazer com essa relação. Por seu lado, o restante da população, confinada aos limites da ordem natural e enraizada na primazia do ser humano sobre outras entidades, revela uma incapacidade intrínseca em apreender as possibilidades emergentes da tecnologia. Afinal, corpos dissidentes, ciborgues, são produto de uma realidade social que os rejeita e são, portanto, excluídos de qualquer essencialismo. Daí o pavor dos que obedecem à classificação biológica tradicional: os ciborgues não estão inscritos e não obedecem ao sistema hierárquico que sobrepõe o homem ao animal, à máquina e a todos os demais não-humanos.

Nos filmes de Cronenberg, há portanto uma tentativa de explorar a fusão dos humanos, tanto com outras espécies quanto com ferramentas inanimadas, máquinas que aumentam as habilidades e funções do corpo, conferindo novo significado ao novo meio físico. Em Haraway, esses seres se tornam ciborgues que, desconfigurando-se e se recodificando, passam a

constituir um sistema cibernético alternativo que responde também de forma adversa aos sistemas informacionais que codificam a sociedade. Nesse sentido, o corpo modificado em si é visto como mídia conectada aos processos experimentados na interface relacional natureza-cultura, dotando-a como consequência de novo significado⁴.

Cronenberg investe justamente na intimidação que esses corpos causam para potencializar o terror e a falta de familiaridade com o reproduzido na tela. Corpos dissidentes, que transitam entre a humanidade e a não-humanidade, geram apreensão por não serem passíveis de controle e por alterarem imprevisivelmente aqueles com quem estejam em relação. A impossibilidade de ver para além dos sistemas hierárquicos gera o medo de que estes corpos possuam vantagens capazes de fazê-los sobreviver aos humanos. A indisposição para se associarem e cooperarem com não-humanos realiza exatamente o motivo da apreensão.

A aposta volta-se sobre mutações genéticas que geram apêndices ativos e úteis, como os não-humanos em *Crimes do Futuro*, ou em corpos que se complementam pela máquina para atingir outros níveis de prazer físico, como Saul Tenser e Caprice, casal protagonista do filme. Esse tema havia sido explorado em profundidade por Cronenberg em *Crash: Estranhos Prazeres* (1996), um filme que aborda a subcultura de pessoas que exploram o prazer sexual de acidentes de carro, bem como de corpos por eles marcados com cicatrizes e sequelas. Aqui, a reconfiguração física em associação

4 Uma expansão cibernética do conceito de meio enquanto mensagem de Marshall McLuhan, permitindo enxergar cada corpo enquanto dotado de significado, visão, por sua vez, que se radicaliza em biopolítica.

com a máquina leva os corpos a responderem adversamente a estímulos da natureza-cultura, pois seus próprios sistemas cibernéticos são recodificados para tanto.

Os filmes de Cronenberg aproveitam-se exatamente de uma predisposição à verossimilhança no que diz respeito à representação da realidade de imagens captadas por meio de objetos técnicos, mecânicos, não-humanos. Para além da capacidade de jogar com a percepção do espectador acerca de uma boa trucagem, o diretor busca a suspensão da descrença, possibilitada pelas narrativas, e o atestado fílmico, inerente ao meio cinematográfico, para que desse movimento surjam registros da emergência de novos modos de alteridade.

Nesse sentido, os filmes passam a desfrutar de uma capacidade especulativa que confere complexidade aos corpos captados: tratam-se de seres que resultam de suas relações, carregando, portanto, experiências recodificadas em si mesmos. O corpo torna-se mídia e o aparelho técnico responsável por sua captação e reprodução dota esta mensagem de verossimilhança. Como elaborado por Jussi Parikka, teórico finlandês da mídia, em seu *Insect Media* (2010), não apenas a informação, mas a forma de organização e armazenamento da informação nas redes de interação, incluindo redes biológicas, passam a definir a mensagem. Portanto, aqui, as redes de comunicação tradicionais deixam de ser vistas como os únicos meios nos quais a informação transita e pela qual é mediada.

Parikka volta-se sobre a questão da comunicação em sistemas alternativos de armazenamento de dados, ressaltando a descentralização, o paralelismo massivo e a cooperação que podem emergir de modelos que

não o antropocêntrico. A teoria defendida pelo autor coloca muito mais peso sobre as relações e a possibilidade de “contaminação” entre os seres no processo: “A tradução, então, não é uma operação linguística sem resíduos, mas uma transposição, e uma operação muito mais ativa nos níveis de uma produção midiática não discursiva” (Parikka: 2010, p. 13, tradução nossa). Os corpos não seriam individual e especificamente fechados em si e em suas formas herméticas de comunicação. Seriam sim singularmente resultantes de relações complexas em constante renovação. Captar mecanicamente o evento e reproduzi-lo infinitas vezes permite um movimento de análise microscópica das percepções e capacidades do não-humano, sem que necessariamente se firme, no entanto, um compromisso com o projeto moderno-científico que os excluiu da equação. Contido nesse movimento de registro mecânico, há uma “potência catalisadora de forças animais em uma sociedade de mídias técnicas e um mapeamento de singularidades das novas forças emergentes na junção de técnicas” (Parikka: 2010, p. 35). Essas propriedades emergentes muitas vezes nos convocam a experiências-limites. Essas experiências podem ser compreendidas como modalidades e variações da estranheza oferecida pelas novas leis que regem o universo, oriundas da teoria quântica.

5. A TEORIA QUÂNTICA E O ESTRANHO

A teoria quântica é um dos maiores abalos da filosofia e da ciência ocorrido em milênios. Esse abalo pode ser descrito a partir de alguns problemas abertos por essa teoria. Um dos problemas mais graves trazidos pela teoria quântica é um problema simulta-

neamente epistêmico e ôntico. Ou seja: diz respeito aos meios pelos quais conhecemos a natureza e às propriedades fundamentais da própria natureza. Esse problema pode ser resumido em um termo: o problema da indeterminação. Não por acaso, se tomarmos interpretações bastante distintas do mundo quântico, de Niels Bôhr e Erwin Schrödinger a Paul Dirac e Werner

Heisenberg, de David Bohm e De Broglie a Hugh Everett e John Wheeler, de David Deutsch e Brian Greene a John Bell e Edward Witten, veremos que o problema da indeterminação ôntica-epistêmica permeia todas as suas formulações e sistemas. Podemos dizer que mesmo as soluções parciais para os impasses quânticos não obterão êxito enquanto o problema da indeterminação não for enfrentado. E a melhor maneira de enfrentar a indeterminação é sustentar o indeterminado como indeterminado. Em outras palavras: manter o estranho como estranho, sem tentar reduzi-lo a padrões preexistentes de discernibilidade e inteligibilidade, como continuam a fazer tantos pensadores e cientistas herdeiros do reducionismo e do dualismo.

Haveria aqui um elo profundo entre o quântico, o trans:humano e o *queer*. E, partindo da premissa de que a natureza é *queer*, toda compreensão da natureza deve sustentar a tensão dos estranhos-estranhos, para sempre estranhos e estrangeiros, em relação a si mesmos e aos outros (Morton: 2023). Como um monstro infinito e inexaurível, a experiência do estranho nunca se erradica ou estabiliza. Como um processo de diferença diferida e de diferença diferente, a diferença nunca produz uma unidade capaz de transcendê-la em sua essência diferenciadora e infinita (Derrida: 1991, Deleuze: 1988,

Petronio, 2025). O estranho nesse sentido nunca pode ser solucionado pelos dispositivos, enunciados e valores da razão, seja ela dualista ou transcendental.

Como isso se relaciona com o audiovisual? Bazin não foi o primeiro nem será o último a se questionar sobre o que é o cinema. Ao se fazer essa proposta, logo se embaçam as delimitações dos domínios dessa forma artística. O cinema é apreendido de forma mais rica quando entendido como uma manifestação pluralista, que transita em diversos âmbitos: visual, sonoro, estético, subjetivo, tecnológico e assim por diante. Como uma arte “impura”, ele se encontra nos “entres”, flui nas bordas difusas de seus vizinhos, se acoplando por onde passa e criando assim uma rede imensa de relações. O cinema não se ocupa de entidades que lhes sejam exteriores. Tampouco se resume a um jogo entre ser e ente. O cinema é uma entidade — uma entidade intersticial: uma ontologia do entre (Petronio: 2025).

Por isso, as relações entre cinema e ontologia são tão importantes. O questionamento sobre a ontologia cinematográfica rende longas discussões justamente pelo caráter de difícil delimitação desse termo, uma vez que é difuso. Se fosse pensada uma fronteira para o cinema, ela não seria uma linha sólida, e sim um gradiente com delimitação vaga. É certo que, para questões de definição, eliminar qualquer vagueza que possa haver na significação do cinema e no seu estudo ontológico encurtaria inúmeras discussões e resolveria um aparente problema. Entretanto, manter o cinema como um elemento transeunte entre diferentes espaços é o que garante a criação e uma maior amplitude de laços e relações. Estar localizado nas bordas gradientes é se aproximar do mundo por meio de existências em

relação. A faculdade de relacionar-se é a grande riqueza que se insere na experiência do cinema por meio de sua indeterminação.

Os termos difusos, que possuem vagueza em sua definição, foram objetos de estudo da lógica clássica. A partir do *linguistic turn* e do chamado logicismo formal, matemáticos e filósofos como Gottlob Frege, Moritz Schlick, Rudolf Carnap, Bertrand Russell e Ludwig Wittgenstein defenderam a abolição de tais termos, a maioria deles de natureza metafísica, e que causariam apenas confusão e incoerências. Caberia à filosofia assimilar a objetividade da ciência. E trabalhar os conceitos na imanência da linguagem. Para tanto, a filosofia deveria dissecar as sentenças, proposições, enunciados e predicados de modo a demonstrar em que medida eles não se referiam a problemas reais, como se supunha. Designariam apenas falsos problemas, oriundos de formulações errôneas. O problema entretanto não é tão simples. E, por isso, outros autores sustentaram a ideia de que não existem termos vagos ou aderiram a uma lógica que atribui diversos graus de verdade às sentenças, em uma tentativa de dominar a vagueza e resolver os paradoxos trazidos por ela. Essa tentativa também falha em alguns aspectos, pois a determinação de pontos de vista específicos para a definição de valores e de condições de verdade é muitas vezes arbitrária. E, ademais, tornar preciso os termos vagos a partir de delimitações exatas não esgota a nossa capacidade de distinção de predicados observáveis.

Como lidar com os resíduos metafísicos e ontológicos que continuavam presentes nas análises proposicionais? Houve então tentativas de solucionar esses impasses da indeterminação, protagonizadas por

alguns expoentes da filosofia analítica e do pragmatismo, como Willard Van Orman Quine, Saul Kripke, Donald Davidson, Hilary Putnam, dentre outros. Em uma tentativa de abranger e solucionar esses termos difusos, de não fugir deles ou apenas fingir a sua inexistência, o cientista da computação e matemático Zdzislaw Pawlak segue com a noção de indistinguibilidade ao formular a Teoria dos Conjuntos Aproximados. Essa teoria pode ser aplicada aos termos vagos e aos problemas causados pela região de casos fronteiricos, fornecendo uma solução baseada na mudança da concepção de pertencer a um conjunto. Paralelamente a isso, o cinema rompe por natureza com essas “tentativas ortodoxas de tornar precisa a ideia” (Read: 2014, p. 243), na medida em que incorpora seu caráter difuso, tirando maior proveito de sua indistinguibilidade e indecidibilidade. São justamente essas fronteiras difusas que conferem ao cinema sua essência plural e seu universo relacional.

Quanto menos delimitado é um termo, mais espaço há para ele se relacionar com o que há ao seu redor. É o estar entre a intervenção criativa humana e o automatismo da máquina, entre o subjetivo de cada apreensão e o objetivo da imagem, entre os diversos objetos empíricos e uma unidade transcendental, entre a arte e a ciência. Para superar os impasses da filosofia analítica e da ciência, relacionados às distinções ontológicas, epistemológicas e linguísticas emergentes da indeterminação, podemos então unir três grandes matrizes: o cinema, a teoria dos conjuntos aproximados de Zdzislaw Pawlak e a cosmologia relacional de Carlo Rovelli.

Físico italiano que tem como objetivo tornar acessível conceitos científicos de grande importância e complexidade, Rovelli propõe uma nova forma de conceber a realidade por meio das relações na cosmologia. Para ele, tudo só existe em relação:

O mundo que observamos é um contínuo interagir. É uma densa rede de interações. Os objetos caracterizam-se por sua maneira como interagem. Se existisse um objeto que não tivesse interações, [...] seria como se não existisse. Falar de objetos que não interagem nunca - mesmo se existissem - é falar de coisas que não nos dizem respeito. (Rovelli, 2021, p. 74)

Em consonância com a mesologia, a teoria relacional dos meios-mesons, tanto em sua ontologia quanto em sua cosmologia (Petronio: 2014, 2022), Rovelli resalta o princípio relacional como base de toda a existência. Além disso, mostra-se adepto das fronteiras difusas quando defende a aceitação da indeterminação em resposta às interpretações da Mecânica Quântica que buscam sua erradicação. É precisamente essa indeterminação advinda da probabilidade que fez a teoria plantada pelo jovem Werner Heisenberg, na ilha de Helgoland, ser tão disruptiva, instigante e genial, ainda hoje em dia. Em Donna Haraway também se identifica a valorização desses dois fatores: a relação, principalmente as que criam alteridades significativas; e o difuso, representados nos seres permeáveis a classificações, transeuntes entre o humano e o não-humano, como os ciborgues.

Não é à toa que muitas das grandes obras cinematográficas são aquelas que tiram proveito da dificuldade de classificação do cinema, produzindo uma significação subjetiva muito potente para cada espec-

tador, além de novos modos de alteridade que se dão nas intermináveis relações que se pode compor a partir de junções e assemblages, de partes distintas e de procedências diversas. Cria alteridades e um novo mundo de relações, ao não se enquadrar em um ser específico. É interessante observar quando o Estranho se apodera do cinema e gera uma camada difusa em segundo grau: quando além do próprio dispositivo cinematográfico possuir tal característica, a narrativa também se debruça sobre os inclassificáveis, os incertos, o Estranho. Como mencionado anteriormente, o cinema possui um predicado de estranheza que geralmente é coibido e domesticado pela indústria. Entretanto, cineastas como Cronenberg, que retratam a indistinguibilidade do real e do mundo tecnológico, tornam acessível essa camada difusa em segundo grau e a vagueza em ambas as dimensões, tanto nas ferramentas quanto no conteúdo.

É essa indistinguibilidade quântica e *queer* que permite o estabelecimento desenfreado e quase infinito de relações no cinema. Não é necessário refinar nossos métodos e critérios de distinguibilidade. Tampouco é preciso delimitar o que é o cinema ou torná-lo mais exato, pois a vagueza atribui pluralidade e multiplicidade de relações autônomas e singulares, criadas com cada espectador que assiste a um filme. Ao contrário do que se pode acreditar, o aparato cinematográfico é enriquecido por seu caráter difuso. Sua vagueza não deve ser eliminada, e sim celebrada pela multiplicidade de relações que proporciona. A vontade de classificar o cinema em um conjunto de fronteiras bem delimitadas, que não deem margem a dúvidas, limita aquilo de mais valioso que o cinema tem a oferecer.

Em meados do século XIX, acontecia a primeira viagem de trem da história. Até então, para se locomoverem por grandes extensões de espaço em um curto período de tempo, os humanos se utilizavam de ferramentas mais manuais ou naturais, como animais ou carroças, que permitiam uma eficiência maior no carregamento de peso e passavam a função de gasto de energia para outras fontes que não o seu próprio corpo. Mas a invenção do trem foi muito diferente. Com a energia à combustão transformada em movimento, de uma hora para outra, era possível mover uma locomotiva que pesava toneladas carregando um número de passageiros e cargas impensável para a época, sem que nenhum esforço físico fosse feito. A experiência de um passageiro ao sentir uma velocidade que nunca havia sido alcançada por um ser humano, enquanto estava apenas sentado e o mundo mudando à sua volta, sem fazer nada, era inexplicável.

Essa maneira de vivenciar o mundo abria uma pluralidade de possibilidades de se relacionar com este novo tempo e esse novo espaço. Poder enxergar essa nova perspectiva de locomoção, velocidade e tempo passou cada vez mais a fazer parte do cotidiano de algumas pessoas, o que possibilitou que essa nova camada de informação oferecida pelo trem, essa nova forma de enxergar o lado de fora, fosse desenvolvida e pensada pelos passageiros. O mais incrível disso era uma nova relação com o mundo que não vem diretamente de outro ser, e sim de uma máquina criada pelo humano. A partir do momento que o trem começa a andar e tomar velocidade, é uma máquina não-humana que movimenta o mundo e comunica informações ao passageiro, que interage com elas e pensa novas coisas, que não tinham sido pensadas antes daque-

la forma. Por isso, as tecnologias são sempre mais do que tecnologias. São sempre alterações de *media* e, por conseguinte, de modelos cognitivos e perceptivos da totalidade dos meios-mundos que nos cercam.

Analogamente, a arte tem a mesma característica. Depois de ser inserida no cotidiano dos seres humanos, torna-se uma fonte de informação sintética que comunica algo a alguém, independente do eventual conteúdo dessa mensagem. O cinema tem uma semelhança com o trem que o posiciona além das outras artes. Não por acaso, as imagens de trem dos irmãos Segatto são fundacionais do cinema brasileiro. E as locomotivas aparecem em diversos momentos do cinema mudo, bem como outras tecnologias, desde os irmãos Lumière. Essa relação do cinema com os *media* tem uma explicação. O cinema se baseia em uma reprodução do que seria o nosso sistema ocular. Pode assim reproduzir o nosso sistema nervoso central e os dados da percepção e dos sentidos. E, por causa da capacidade de edição, pode unir tempos e lugares distintos, tudo sincronicamente disposto diante de nós. Assim, podemos absorver uma quantidade imensa de informação de maneira passiva, e isso permite uma interação com o espectador com diversas camadas do filme.

Para explicar melhor o conceito de relação, Rovelli parte das teses quânticas e de suas interpretações do universo que podemos inferir a partir delas. Defende a premissa de que a existência se define pela relação. Ou seja, não faz sentido tentar explicar o mundo por meio de simplificações, reduções e entidades isoladas. Essas descrições e situações nunca seriam verdadeiras e suficientes para compreendermos a natureza. Elas nos

ajudam a responder perguntas, mas podem nos levar por caminhos tortuosos ao tentar usar as mesmas generalizações para produzir explicações mais complexas.

Rovelli defende a igualdade do ser humano em relação ao resto do universo, onde nós só fazemos parte de um todo que se relaciona constantemente e troca informações a todo momento, gerando uma rede que tece o universo. Da mesma maneira, o cinema em si tece uma rede de relações, por conta de sua característica de unir diferentes áreas da comunicação da informação, perceptivas e sensoriais, cognitivas e narrativas, espaciais e temporais. O filme articula imagens e sons e tempos e textos e narrativas, dotando-os de camadas e de sentidos suplementares que não eram evidentes e/ou existentes. Essas novas relações formais e informacionais entram em contato com espectadores virtualmente infinitos. E estes, por sua vez, podem adicionar ainda mais camadas para essa rede. O cosmos seria uma rede extensa e inextensa. Uma rede material e mental. O cinema seria uma das melhores analogias dessa estrutura profunda do universo, onde a fisicalidade e a mente se tocam e se diluem, identificam-se e se misturam.

O cinema seria então uma tecnologia extremamente poderosa. Depois de concluído um filme, ele se torna parte da existência e se relaciona com os espectadores de forma autônoma, tendo assim a mesma forma de relação que o trem. Essa coevolução entre seres artificiais e naturais, entre organismos e inorgânicos, entre humanos e não-humanos, entre a matéria e a mente define o trans:humanismo. Nesse sentido, toda obra de arte seria um gesto de sinalizar para essa indeterminação trans:humana que nos constitui e de onde emergi-

mos: o Vazio. A hermenêutica infinita das obras e dos receptores se expande para além da arte. Repousa na maneira pela qual todos os meios são meios de outros meios, em uma malha relacional aberta. Como propõe a teoria quântica, essa malha relacional repousa sobre o Vazio. E, por isso, como nos lembra Rovelli, a teoria quântica possui uma estranha conexão com a obra de um pensador budista indiano: Nāgārjuna (século II-III d.C.). Para Nāgārjuna, não apenas o cosmos é relacional. Não haveria uma primeira agência ou uma primeira causa de nada no universo.

As imagens do filme não seriam agenciamentos em nossa mente. As imagens do mundo não seriam agenciamentos no filme. Seguindo a potência dos afetos passivos de Espinosa, a passividade que define o cinema como cinema produz espaços, fendas, fissuras e aberturas que se ressoam em coevolução. Essas *assemblages* compostistas e trans:humanas unem o filme e o espectador, a materialidade e a mente, as ideias e os afetos, em uma cascata de espelhos e simulacros que renuncia à necessidade de um primeiro ser ou de uma primeira agência, real ou virtual. Por maior que seja a propagação e a replicabilidade das imagens e das mentes, a cada nova exibição do filme o humano se reconhece em um espelho. Diferente dos singularistas siderados no futuro, cada projeção de nossas vidas seria singular: uma fronteira que conecta em si tudo que existe — um evento.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: o Poder Soberano e a Vida Nua*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- ALEXANDRE, L.; BESNIER, J. M. *Os robôs fazem amor? O transumanismo em doze questões*. São Paulo: Perspectiva, 2022.
- ARROYO, Raoni. *Consciência e Mecânica Quântica: uma abordagem filosófica*. São Paulo: LF Editorial, 2024.
- AUMONT, Jacques; MARIE, Michael. *Dicionário teórico e crítico de cinema*. Campinas: Papirus, 2003.
- BATAILLE, George. *O Erotismo*. Tradução Cláudia Fares. São Paulo: Arx, 2004.
- BATAILLE, George. *A teoria da religião*. São Paulo: Ática, 1993.
- BAZIN, André. *O que é cinema?* São Paulo: Ubu, 2018.
- BENEVIDES, Maria Junqueira Netto de Sá; CASSIAS, Julia Stritzinger de; ESCOBAR, Luiz Gustavo Queiroz; PETRONIO, Rodrigo. Resenha do livro *O abismo vertiginoso*, de Carlo Rovelli. *TECCOGS – Revista Digital de Tecnologias Cognitivas*, n. 27. 2023, p. 118–123. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/teccogs/article/view/64661/43715>
- BENSUSAN, Hilan. *Linhas de Animismo Futuro*. Brasília: IEB | Mil Folhas, 2017.
- BUBER, Martin. *Do diálogo e do dialógico*. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- DANEY, Serge. *A rampa*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Tradução: Luiz Orlando, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Cinco Volumes. São Paulo, 34 Letras, 1997.
- DERRIDA, Jacques. *Margens da filosofia*. Campinas: Papirus, 1991.
- DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- DUBOIS, Philippe. *Cinema, vídeo, Godard*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

ELSAESSER, Thomas. *História do cinema como arqueologia das mídias*. São Paulo: Edições SESC, 2018.

FERREIRA DA SILVA, Denise. *Toward a Global Idea of Race*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2007.

FERREIRA DA SILVA, Vicente. *Obras Completas: Transcendência do Mundo*. Introdução Geral Rodrigo Petronio. Posfácios Julián Marías, Per Johns, Agostinho da Silva, Dora Ferreira da Silva. São Paulo: Editora É, 2010. Organização, introdução geral, bibliografia e notas Rodrigo Petronio. São Paulo: Editora É, 2009-2010.

FAY, Jennifer. *Seeing/Loving Animals: André Bazin's Posthumanism*. *Journal of Visual Culture*, v. 7(1), pp. 41-64, 2008.

FERRO, Marc. *Cinema e história*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2012.

FLUSSER, Vilém. *Pós-história: Vinte instantâneos e um modo de usar*. Organização das Obras Completas de Vilém Flusser: Rodrigo Petronio e Rodrigo Maltez Novaes. Orelha: Rodrigo Petronio. Posfácios: Rodrigo Petronio, Andrew Fisher, Raphael Dall'Anese e João Borba. São Paulo: É Realizações, 2019.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da Caixa Preta*. Organização Rodrigo Petronio e Rodrigo Maltez Novaes. São Paulo: Editora É, 2018a.

FLUSSER, Vilém. *Natural:mente: vários acessos ao significado da natureza*. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

FOUCAULT, M. *O governo de si e dos outros*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FUKUYAMA, Francis. *Nosso futuro pós-humano: Consequências da revolução da biotecnologia*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

FOSTER, Hal. *Recodificação: arte, espetáculo, política cultural*. Tradução Duda Machado. São Paulo: Casa Editorial Paulista, 1996.

GILSON, Etienne. *Deus e a Filosofia*. Tradução Aída Macedo. Lisboa: Edições 70, 2002.

GIUCCI, Guillermo; MONTEIRO, M. C.; PINHO, Davi. *Eros, Tecnologia, Transumanismo: figurações culturais contemporâneas*. Rio de Janeiro: Caetés, 2015.

GUNNING, Tom. The world in its own image. In: ANDREW, Dudley (org). *Opening Bazin*. Estados Unidos: Oxford University Press, 2011.

HARAWAY, D. *When species meet*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008

HARAWAY, Donna. *The Companion Species Manifesto: Dogs, People, and Significant Otherness*. 2ª Ed. Chicago: Prickly Paradigm Press, 8 de mar. de 2005.

HARAWAY, Donna. *Simians, Cyborgs and Women: The Reinvention of Nature*. 1ª Ed. Abingdon: Routledge, 12 de dez. de 1990.

HARAWAY, Donna. *O manifesto das espécies companheiras – cachorros, pessoas e alteridade significativa*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HARAWAY, Donna. *The companion species manifesto: dogs, people, and significant otherness*. Chicago, Prickly Paradigm Press, 2003.

HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari & TADEU, Tomaz. *Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

HEIDEGGER, Martin. Carta sobre o humanismo. *Conferências e escritos filosóficos*. Tradução Ernildo Stein. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

JEONG, Seung-Hoon. Animals – an adventure in Bazin’s ontology. In: ANDREW, Dudley (org). *Opening Bazin*. Estados Unidos: Oxford University Press, 2011.

KURZWEIL, Ray. *The Age of Spiritual Machines: When Computers Exceed Human Intelligence*. Estados Unidos: Penguin Books, 2000

KURZWEIL, Ray. *Como Criar uma Mente: os Segredos do Pensamento Humano*. Tradução Marcello Borges. São Paulo: Aleph, 2014.

KURZWEIL, Ray. *A singularidade está próxima: quando os humanos transcendem a biologia*. São Paulo: Itá Cultural: Iluminuras, 2019.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: Ensaio de antropologia simétrica*. São Paulo: 34 Letras, 1994.

LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Tradução José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1988.

MARTINS, Hermínio. *Experimentum Humanum: Civilização Tecnológica e Condição Humana*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2018.

MARGULIS, Lynn; SAGAN, Dorion. *O que é vida?* Tradução Vera Ribeiro. Prefácio Niles Eldredge (Museu Americano de História Natural). Revisão técnica e Apresentação Francisco Salzano (Professor Titular do Departamento de Genética do Instituto de Biociências da UFRGS). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

MARITAIN, Jacques. *Sete lições sobre o ser*. São Paulo: Loyola, 2005.

MATURANA, Humberto. *A ontologia da realidade*. Organização e tradução Cristina Magro, Miriam Graciano e Nelson Vaz. Inclui texto de Jorge Mpodozis. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Tradução: Eliane Lisboa. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. Antígona, 2014.

MERQUIOR, José Guilherme. *O Marxismo Ocidental*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

MORTON, Timothy. *O pensamento ecológico*. Tradução: Renato Prelorentzou. Orelha: Ana Rüsche. Posfácio: Rodrigo Petronio. São Paulo: Quina, 2023, p. 237-248.

PARIKKA, Jussi. *Insect Media – an archeology of animals and technology*. Estados Unidos: University of Minnesota Press, 2010.

PASSMORE, John. *A Perfectibilidade do Homem*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004.

PETRONIO, Rodrigo. “Pensar o Abissal”. MORTON, Timothy. *O pensamento ecológico*. Tradução: Renato Prelorentzou. Orelha: Ana Rüsche. Posfácio: Rodrigo Petronio. São Paulo: Quina, 2023, p. 237-248.

PETRONIO, Rodrigo. *Oceanos: a Topologia entre os Continentes e as Margens da Terra*. São Paulo: Global, 2025 (prelo).

PETRONIO, Rodrigo. *Abismos da Leveza: Por uma Filosofia Pluralista*. Prefácio Lucia Santaella (PUC-SP). Orelha: Hilan Bensusan (Universidade de Brasília). Quarta-Capa: Jean-Pierre Dupuy (Stanford University). Posfácio: Mario Dirienzo. São Paulo: Editora É, 2022.

PETRONIO, Rodrigo. “Cosmology and Mesology: Alfred North Whitehead and the Plurality of Worlds”. DAVID, Andrew, TEIXEIRA, MariaTeresa, SCHWARTZ, Wm. Andrew (Editors). *Processa Cosmology: New Integrations in Science and Philosophy*. Palgrave Perspective on Process Philosophy. Series Editors: Wahida Khandker (Departament of History, Politics and Philosophy | Manchester Metropolitan University | Manchester UK) and Tim Flanagan (Philosophy | Murdoch University | Murdoch WA | Australia). Switzerland: Palgrave Macmillan, 2022.

PETRONIO, Rodrigo. “Jamais fomos humanos: antropofania, desejo e transumanismo”. MONTEIRO, Maria Conceição, GIUCCI, Guillermo e PINHO, Davi. *Eros, tecnologia, transumanismo: figurações culturais contemporâneas*. Rio de Janeiro: Caetés, 2015, p. 59-96.

PETRONIO, Rodrigo. *Mesons: Ontologia*. Tese de Doutorado apresentada no Departamento de Literatura Comparada do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro para a obtenção do título de Doutor. Orientador: Prof. Dr. João Cezar de Castro Rocha. Rio de Janeiro, 2015, 495 p.

PRECIADO, Beatriz. *Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”*. *Fieldsights: Theorizing the Contemporary, Cultural Anthropology Online*, January, 13, 2014.

PRIEST, Graham. *Logic: A Very Short Introduction*. 2. ed. Oxford, University Press, 2017.

READ, Stephen. *Homens Carecas Para Sempre*, In: *Repensando a Lógica: Uma Introdução à Filosofia da Lógica*. Trad. de Abílio Rodrigues Filho. Editora UFMG, Belo Horizonte, 2014.

ROSENBLUM, Bruce e KUTNER, Fred. *O enigma quântico: o encontro da física com a consciência*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

ROVELLI, Carlo. *O abismo vertiginoso: Um mergulho nas ideias e nos efeitos da física quântica*. Tradução: Silvana Cobucci. Rio de Janeiro: Objetiva, 2021.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Tradução: João Batista Kreuch. São Paulo: Vozes. Ano: 2013.

SANTAELLA, Lucia. *Neo-humano: A sétima revolução do sapiens*. São Paulo: Paulus, 2022.

SANTAELLA, Lucia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.

SERRES, Michel. *O incandescente*. Trad. Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

SERRES, Michel. *A grande narrativa do humanismo: a história da humanidade – um conto iniciático*. Tradução António Viegas. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.

SLOTERDIJK, Peter. *Regras para o Parque Humano: Uma Resposta à Carta Sobre o Humanismo de Heidegger*. Tradução José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

VACCHE, Angela Della. *The Difference of Cinema in the System of the Arts*. In: ANDREW, Dudley (org). *Opening Bazin*. Estados Unidos: Oxford University Press, 2011.

WOLFE, Cary. *What is posthumanism?* Posthumanities Volume 8. Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 2010.

XAVIER, Ismail. *O discurso cinematográfico - a opacidade e a transparência*. São Paulo: Paz & Terra, 2021.

ŽIŽEK, Slavoj e MILBANK, John. *A monstruosidade de Cristo: paradoxo ou dialética?* São Paulo: Três Estrelas, 2014.

Sobre os autores

Rodrigo Petronio. Escritor e filósofo, autor de mais de 20 livros e organizador de diversos outros. Professor titular da FAAP, atua na área de Educação há 25 anos como professor, pesquisador e coordenador institucional. Possui Graduação pela USP e Doutorado pela UERJ/Stanford University. Defendeu dois Mestrados: em Filosofia da Religião (PUC-SP) e em Literatura Comparada (UERJ). Desenvolveu Pós-Doutorado sobre a Cosmologia de Alfred North Whitehead no Programa de Pós-Graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital (TIDD|PUC-SP), onde atualmente é pesquisador. Há mais de vinte anos ministra cursos, palestras e conferências em instituições como a Casa do Saber, Fronteiras do Pensamento, Fundação Ema Klabin, dentre outras. Profissional do mercado editorial há trinta anos, trabalhou em centenas de obras e em todas as etapas do processo editorial. Há vinte e cinco anos colabora regularmente como jornalista e publicou centenas de artigos, colunas, resenhas e ensaios em alguns dos principais veículos da imprensa brasileira. Foi indicado duas vezes ao Prêmio Jabuti (2006 e 2023). Recebeu prêmios nacionais e internacionais nas categorias poesia, ficção e teoria.

Bianca Ayuri. Montadore e pesquisadore de Cinema. cursou Cinema no Centro Universitário Armando Alvares Penteado e, durante o período, montou mais de 10 curtas-metragens, dos quais se destacam Ninguém Derruba o Titã (2023), Vida Privada (2023) e Onde Morrem os Cães (2024)

Eduardo Ferraz. Cineasta, pesquisador e roteirista. Graduado em Cinema pelo Centro Universitário Armando Alvares Penteado, roteirizou e dirigiu 5 curtas-metragens. Atualmente trabalha como Redator e Roteirista na Yeap.

Guto Escobar. Editor de Som de Cinema na Confraria de Sons & Charutos. Formado em Cinema no Centro Universitário Armando Álvares Penteado.

Luca Scupino Oliveira. Cineasta, pesquisador e crítico. Graduado em Cinema pelo Centro Universitário Armando Álvares Penteado (FAAP), onde realizou Iniciação Científica sobre a passagem do tempo no filme *Boyhood* (2014). Atualmente é crítico e editor adjunto do site Mnemocine, e realiza mestrado sobre a obra do cineasta Éric Rohmer.

Maria Junqueira Netto de Sá e Benevides. Estudante de Filosofia na FFLCH-USP, faz pesquisa na área de Filosofia da Ciência. Graduada em Cinema pelo Centro Universitário Armando Álvares Penteado.



CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 A teoria da justiça de John Rawls – José Nedel
- N. 02 O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas – Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo – Sonia Montañó
- N. 04 Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 O ruído de guerra e o silêncio de Deus – Manfred Zeuch
- N. 06 BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 Mundos televisivos e sentidos identitários na TV – Suzana Kilpp
- N. 08 Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada – Valério Cruz Brittos
- N. 10 Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo – Édison Luis Gastaldo
- N. 11 Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz – Márcia Tiburi
- N. 12 A domesticação do exótico – Paula Caleffi
- N. 13 Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular – Edla Eggert
- N. 14 Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS – Gunter Axt
- N. 15 Medicina social: um instrumento para denúncia – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 Mudanças de significado da tatuagem contemporânea – Débora Krischke Leitão
- N. 17 As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade – Mário Maestri
- N. 18 Um itinerário do pensamento de Edgar Morin – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 Os donos do Poder, de Raymundo Faoro – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 Sobre técnica e humanismo – Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 Construindo novos caminhos para a intervenção societária – Lucilda Selli
- N. 22 Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático – Valério Rohden
- N. 24 Imagens da exclusão no cinema nacional – Miriam Rossini
- N. 25 A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação – Nísia Martins do Rosário
- N. 26 O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – Rosa Maria Serra BavareSCO
- N. 27 O modo de objetivação jornalística – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 A cidade afetada pela cultura digital – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 Getúlio, romance ou biografia? – Juremir Machado da Silva
- N. 31 A crise e o êxodo da sociedade salarial – André Gorz
- N. 32 À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
- N. 33 O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos – Marco Aurélio Santana
- N. 35 Adam Smith: filósofo e economista – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos

- N. 36 Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica – Airton Luiz Jungblut
- N. 37 As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial – Luiz Mott
- N. 39 Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo – Gentil Corazza
- N. 40 Corpo e Agenda na Revista Feminina – Adriana Braga
- N. 41 A (anti)filosofia de Karl Marx – Leda Maria Paulani
- N. 42 Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa” – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistemática de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo – Gérard Donnadieu
- N. 45 A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica – Lothar Schäfer
- N. 46 “Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju – Ceres Karam Brum
- N. 47 O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter – Achyles Barcellos da Costa
- N. 48 Religião e elo social. O caso do cristianismo – Gérard Donnadieu
- N. 49 Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras – Evilázio Teixeira
- N. 51 Violências: O olhar da saúde coletiva – Élda Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 Ética e emoções morais – Thomas Kesselring
Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
- N. 53 Computação Quântica. Desafios para o Século XXI – Fernando Haas
- N. 54 Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil – An Vranckx
- N. 55 Terra habitável: o grande desafio para a humanidade – Gilberto Dupas
- N. 56 O decrescimento como condição de uma sociedade convivial – Serge Latouche
- N. 57 A natureza da natureza: auto-organização e caos – Günter Küppers
- N. 58 Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades – Hazel Henderson
- N. 59 Globalização – mas como? – Karen Gloy
- N. 60 A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida – Cesar Sanson
- N. 61 Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo – Regina Zilberman
- N. 62 Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude – Cátia Addressa da Silva
- N. 64 Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo – Artur Cesar Isaia
- N. 65 Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical – Léa Freitas Perez
- N. 66 Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675) – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa – João Guilherme Barone
- N. 68 Contingência nas ciências físicas – Fernando Haas

- N. 69 A cosmologia de Newton – Ney Lemke
N. 70 Física Moderna e o paradoxo de Zenon – Fernando Haas
N. 71 O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade – Miriam de Souza Rossini
N. 72 Da religião e de juventude: modulações e articulações – Léa Freitas Perez
N. 73 Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa – Eduardo F. Coutinho
N. 74 Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho – Mário Maestri
N. 75 A Geologia Arqueológica na Unisinos – Carlos Henrique Nowatzki
N. 76 Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto – Ana Maria Lugão Rios
N. 77 Progresso: como mito ou ideologia – Gilberto Dupas
N. 78 Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda – Octavio A. C. Conceição
N. 79 Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul – Moacyr Flores
N. 80 Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território – Arno Alvarez Kern
N. 81 Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula – Gláucia de Souza
N. 82 Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de “sindicalismo populista” em questão – Marco Aurélio Santana
N. 83 Dimensões normativas da Bioética – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
N. 84 A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza – Attico Chassot
N. 85 Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo – Patrícia Almeida Ashley
N. 86 Autonomia na pós-modernidade: um delírio? – Mario Fleig
N. 87 Gauchismo, tradição e Tradicionalismo – Maria Eunice Maciel
N. 88 A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz – Marcelo Perine
N. 89 Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade – Laurício Neumann
N. 90 Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida – Maria Cristina Bohn Martins
N. 91 Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo – Franklin Leopoldo e Silva
N. 92 Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática – Daiane Martins Bocasanta
N. 93 A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro – Carlos Alberto Steil
N. 94 Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos – Cesar Sanson
N. 95 De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência – Peter A. Schulz
N. 96 Vianna Moog como intérprete do Brasil – Enildo de Moura Carvalho
N. 97 A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica – Marinês Andrea Kunz
N. 98 Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões – Susana Maria Rocca Larrosa
N. 99 Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house – Vanessa Andrade Pereira
N. 100 Autonomia do sujeito moral em Kant – Valerio Rohden
N. 101 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1 – Roberto Camps Moraes
N. 102 Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência – Adriano Premebida
N. 103 ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso – Eliane Schlemmer

- N. 104 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2 – Roberto Camps Moraes
- N. 105 Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos – Paula Corrêa Henning
- N. 107 Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático? – Telmo Adams
- N. 109 Transumanismo e nanotecnologia molecular – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 Formação e trabalho em narrativas – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda – Denis Gerson Simões
- N. 113 Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro – Sonia Montão
- N. 115 Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites – Carlos Daniel Baioto
- N. 116 Humanizar o humano – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 Colonizando e descolonizando mentes – Marcelo Dascal
- N. 119 A espiritualidade como fator de proteção na adolescência – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 A dimensão coletiva da liderança – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos – Eduardo R. Cruz
- N. 122 Direito das minorias e Direito à diferenciação – José Rogério Lopes
- N. 123 Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios – Wilson Engelmam
- N. 124 Desejo e violência – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 As nanotecnologias no ensino – Solange Binotto Fagan
- N. 126 Câmara Cascudo: um historiador católico – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável – Paulo Roberto Martins
- N. 131 A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 Linguagem, singularidade e atividade de trabalho – Marlene Teixeira e Éderson de Oliveira Cabral
- N. 133 A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Nicklass Luhmann – Leonardo Grison
- N. 134 Motores Biomoleculares – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 As redes e a construção de espaços sociais na digitalização – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras – Rodrigo Marques Leister
- N. 137 Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstruem suas vidas – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis – Maria Cristina Bohn Martins

- N. 139 Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades – Marise Borba da Silva
- N. 140 Platão e os Guarani – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 Direitos humanos na mídia brasileira – Diego Airosa da Motta
- N. 142 Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio – Greyce Vargas
- N. 143 Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 Inclusão e Biopolítica – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente – Bianca Sordi Stock
- N. 146 Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD – Camila Moreno
- N. 147 O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais – Caetano Sordi
- N. 148 Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS – Fernanda Schutz
- N. 149 Cidadania, autonomia e renda básica – Josué Pereira da Silva
- N. 150 Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética – José Rogério Lopes
- N. 151 As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou “por que voltar ao México 100 anos depois” – Claudia Wasserman
- N. 153 Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate – Stefano Zamagni
- N. 154 Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'ýikue no município de Caarapó-MS – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica – Stefano Zamagni
- N. 156 Intermittências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento – Stefano Zamagni
- N. 158 “Passemos para a outra margem”: da homofobia ao respeito à diversidade – Omar Lucas Perrout Fortes de Sales
- N. 159 A ética católica e o espírito do capitalismo – Stefano Zamagni
- N. 160 O Slow Food e novos princípios para o mercado – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião – André Brayner de Farias
- N. 162 O modus operandi das políticas econômicas keynesianas – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas – André Luiz da Silva
- N. 164 Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich? – Serge Latouche
- N. 165 Agostos! A “Crise da Legalidade”: vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 Convivialidade e decrescimento – Serge Latouche
- N. 167 O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 O decrescimento e o sagrado – Serge Latouche
- N. 169 A busca de um ethos planetário – Leonardo Boff
- N. 170 O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo – Marco Antonio de Abreu Scapini

- N. 171 Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes – Gerson Egas Severo
- N. 172 Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais – Bruno Pucci
- N. 173 Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral – João Roberto Barros II
- N. 174 Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas – Marcelo Fabri
- N. 175 Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 Um caminho de educação para a paz segundo Locke – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzos – Lenio Luiz Streck
- N. 179 Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro – José Rogério Lopes
- N. 183 A Europa e a ideia de uma economia civil – Stefano Zamagni
- N. 184 Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como “discurso-limite”) – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade – Stefano Zamagni
- N. 186 A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados – Joseane Mariéle Schuck Pinto
- N. 187 Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção – Luis David Castiel
- N. 189 Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero – Marlene Tamanini
- N. 190 Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito – Claudia Fonseca
- N. 191 #VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 A ciência em ação de Bruno Latour – Leticia de Luna Freire
- N. 193 Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico – Adolfo Nicolás
- N. 197 Brasil: verso e reverso constitucional – Fábio Konder Comparato
- N. 198 Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari

- N. 200 Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética – Jordi Maiso
- N. 202 Fim da Política, do Estado e da cidadania? – Roberto Romano
- N. 203 Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania – Maria da Glória Gohn
- N. 204 As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend – Miguel Ângelo Flach
- N. 205 Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro – Fábio Konder Comparato
- N. 206 Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual – Karla Saraiva
- N. 207 Territórios da Paz: Territórios Produtivos? – Giuseppe Cocco
- N. 208 Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 As possibilidades da Revolução em Ellul – Jorge Barrientos-Parra
- N. 210 A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben – Márcia Rosane Junges
- N. 211 Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo – Sandra Caponi
- N. 212 Verdade e História: arqueologia de uma relação – José D’Assunção Barros
- N. 213 A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ – José Odello Schneider
- N. 214 Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze – Sandro Chignola
- N. 215 Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação – Alejandro Rosillo Martínez
- N. 216 A realidade complexa da tecnologia – Alberto Cupani
- N. 217 A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend – Hans Georg Flickinger
- N. 218 O ser humano na idade da técnica – Humberto Galimberti
- N. 219 A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre – Halina Macedo Leal
- N. 220 O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil – José Eduardo Franco
- N. 221 Neurofuturos para sociedades de controle – Timothy Lenoir
- N. 222 O poder judiciário no Brasil – Fábio Konder Comparato
- N. 223 Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão – Jesús Conill Sancho
- N. 224 O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867) – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais – Xavier Albó
- N. 226 Justiça e perdão – Xabier Etxeberria Mauleon
- N. 227 Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor) – Martín Almada
- N. 228 A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo – Sandro Chignola
- N. 229 Um olhar biopolítico sobre a bioética – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida – Jesús Conill Sancho
- N. 232 Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança – Elsa Cristine Bevia
- N. 234 O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira – Róber Iturriet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945) – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 Economias Biopolíticas da Dívida – Michael A. Peters

- N. 237 Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação – Halina Macedo Leal
- N. 238 O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global? – Leandro Inácio Walter
- N. 239 Brasil: A dialética da dissimulação – Fábio Konder Comparato
- N. 240 O irrepresentável – Homero Santiago
- N. 241 O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 Uma crise de sentido, ou seja, de direção – Stefano Zamagni
- N. 243 Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão – Dirce Koga
- N. 244 A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal – Alexandre Filordi de Carvalho
- N. 245 Esquecer o neoliberalismo: aceleração como terceiro espírito do capitalismo – Moisés da Fontoura Pinto Neto
- N. 246 O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo – Andrea Fumagalli
- N. 247 Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo – Dora Lilia Marín-Díaz
- N. 248 Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia – Roberto Romano
- N. 249 Jesuítas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980) – Iraneidson Santos Costa
- N. 250 A Liberdade Viglada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira – Francini Lube Guizardi
- N. 252 A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades? – Vinícius Nicastro Honesko
- N. 254 Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva – Jean-Bosco Kakozi Kashindi
- N. 255 Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles – Marcelo Castañeda
- N. 256 Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização – Altair Sales Barbosa
- N. 258 O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder – Rodrigo Karmy Bolton
- N. 259 Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical? – Moisés Pinto Neto
- N. 260 Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre? – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo – Henrique Costa
- N. 262 As sociabilidades virtuais glocalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira – Sauro Bellezza
- N. 264 Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS) – Stela N. Meneghel
- N. 265 Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos – Aline Albuquerque
- N. 267 O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil – Giuseppe Tosi
- N. 268 Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia? – Alana Moraes de Souza

- N. 269 A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna – Viviane Zarembski Braga
- N. 271 O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza – Flavio Williges
- N. 272 Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana – Rafael Lopez Villasenor
- N. 273 Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira – Celso Gabatz
- N. 274 Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo – Acauam Oliveira
- N. 275 Tendências econômicas do mundo contemporâneo – Alessandra Smerilli
- N. 276 Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord – Atilio Machado Peppe
- N. 277 O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social – José Roque Junges
- N. 278 Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco
- N. 279 O mal-estar na cultura medicamentalizada – Luis David Castiel
- N. 280 Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia – Alain Gignac
- N. 281 A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual – Mário José Maestri Filho
- N. 282 A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo – Angela Ganem
- N. 283 Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome – Armando de Melo Lisboa
- N. 284 Renda básica em tempos difíceis – Josué Pereira da Silva
- N. 285 Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras – Ricardo de Jesus Machado
- N. 286 O “velho capitalismo” e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço – Luiz Gonzaga Belluzzo
- N. 287 A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk – Itamar Soares Veiga
- N. 288 Para arejar a cúpula do judiciário – Fábio Konder Comparato
- N. 289 A Nova Previdência via de transformação estrutural da seguridade social brasileira – Marilinda Marques Fernandes
- N. 290 A Universidade em busca de um novo tempo – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
- N. 291 Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo – Róber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
- N. 292 As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras – Aloir Pacini
- N. 293 Mudança de paradigma pós-crise do coronavírus – Fábio Carlos Rodrigues Alves
- N. 294 O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî – Faustino Teixeira
- N. 295 Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um constitucionalismo que não é para valer – Cristiano de Melo Bastos
- N. 296 O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade – Maria Isabel Mendes de Almeida
- N. 297 Escatologias tecnopolíticas contemporâneas – Ednei Genaro
- N. 298 Narrativa de uma Travessia – Faustino Teixeira
- N. 299 Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver– Wallace Antonio Dias Silva
- N. 300 Zeitgeist pós-iluminista e contrarrevolução cientificista na análise econômica– Armando de Melo Lisboa

- N. 301 Educação, tecnologias 4.0 e a estetização ilimitada da vida: pistas para uma crítica curricular– Roberto Rafael Dias da Silva
- N. 302 Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas - Renata Tomaz
- N. 303 A colonialidade do poder no direito à cidade: a experiência do Cais Mauá de Porto Alegre - Karina Macedo Gomes Fernandes
- N. 304 Ártico, o canário da mina para o aquecimento global - Flavio Marcelo de Mattos Paim
- N. 305 A transformação dos atores sociais em produção e recepção: trajeto empírico-metodológico de uma pesquisa - Aline Weschenfelder
- N. 306 Impactos Ambientais de Parques Eólicos no Semiárido Baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas - Rosana Batista Almeida
- N. 307 História de José, O Carpinteiro, como narratividade de Esperança - Patrik Bruno Furquim dos Santos
- N. 308 Violências, injustiças e sofrimento humano: o impacto das desigualdades sociais nas percepções de Martín-Baró, Ricoeur e Nietzsche - Lina Faria e Rafael Andrés Patino
- N. 309 Catadores de materiais recicláveis: novos sujeitos de direitos na construção da sustentabilidade ambiental - Mariza Rios e Giovanna Rodrigues de Assis
- N. 310 A imagem do pobre nos filmes de Pasolini e Glauber como chave para compreender a ação do capitalismo - Vladimir Lacerda Santafé
- N. 311 Aprendizados no campo da metodologia de orientação acadêmica - Faustino Teixeira
- N. 312 O Desespero Inconsciente de Kierkegaard: melancolia, preguiça, vertigem e suicídio - Paulo Abe
- N. 313 Os Direitos Humanos como parâmetro para as democracias contemporâneas: o caso brasileiro - José Dalvo Santiago da Cruz
- N.314 Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas - Castor M.M. Bartolomé Ruiz
- N. 315 Capital e ideologia de Thomas Piketty: um breve guia de leitura - Alexandre Alves
- N. 316 "Ecologia com espírito dentro": sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno - Nicole Soares Pinto
- N. 317 A chacinagem dos chiquitanos - Aloir Pacini e Loyuá Ribeiro F. M. da Costa
- N. 318 Mestre Eckhart: Deus se faz presente enquanto ausência de imagens e de privilégios - Matteo Raschiatti
- N. 319 Indígenas nas cidades: memórias "esquecidas" e direitos violados - Alenice Baeta
- N. 320 Pindó Poty é Guarani! - Roberto Antonio Liebgott e Aloir Pacini
- N. 321 Desbravar o Futuro. A antropotecnologia e os horizontes da hominização a partir do pensamento de Peter Sloterdijk - Rodrigo Petronio
- N. 322 A Trajetória Metodológica Suscitadora de Jesús Martín-Barbero - Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre
- N. 323 O capitalismo de crise: lógicas e estratégias de dominação - Luiz Inácio Gaiger
- N. 324 O trabalho humano no magistério do Papa Francisco - André Langer
- N. 325 Uma discussão acerca da liberdade da consciência humana: convergências e divergências entre Kierkegaard e Lutero - Heloisa Allgayer e Rafael Francisco Hiller
- N. 326 Técnica e Ética no contexto atual - Oswaldo Giacoia Junior
- N. 327 O amor ao próximo como categoria ética em Simone Weil - Ana Lúcia Guterres Dias
- N. 328 Uma abordagem da filosofia de Miki Kiyoshi - Fernando Wirtz
- N. 329 Yuval Noah Harari: pensador das eras humanas - Rodrigo Petronio
- N. 330 O Mundo é um grande Olho que vemos e que nos vê - José Angel Quintero Weir
- N. 331 A indecente hermenêutica bíblica de Clarice Lispector - João Melo e Silva Junior
- N. 332 Juventudes e as "novas" expressões da participação política - Flávio Munhoz Sofiati

- N. 333 A virosfera: aprendendo a viver com o desconhecido - Eben Kirksey
- N. 334 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume I - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 335 O Antropoceno e as ruínas da democracia: a condição humana como monstruosidade - Adriano Messias
- N. 336 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume II - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 337 O Direito e o Averso - Fábio Konder Comparato
- N. 338 Sobre o mecanismo do terrorismo político-fascista: a violência estocástica da serpente do fascismo - Rudá Ricci e Luís Carlos Petry
- N. 339 MESOCENO. A Era dos Meios e o Antropoceno - Rodrigo Petronio
- N. 340 Religião, Direito e o Redobramento de Ideias - Colby Dickinson
- N. 341 Usos do território e as cidades em transformação. Um olhar a partir da Geografia de Milton Santos - Marina Regitz Montenegro
- N. 342 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume III - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 343 Raça, etnia, negro, preto ou gênero humano? Conceitos, leitura de mundo e reflexo nas formas de pensar, ser e interagir - Iael de Souza
- N. 344 Daqui deste planeta: (t)erra deíctica e sazonalidade cosmopolítica - Hilan Bensusan
- N. 345 Mundo Invisível: a teia vital sob os nossos pés - Faustino Teixeira (org.)
- N. 346 O controle do lazer na sociedade de consumo: reflexões à luz da teoria crítica - Valquíria Padilha e Jean Henrique Costa
- N. 347 João Saldanha: um comunista na seleção brasileira de futebol durante o governo militar. Da ditadura à redemocratização. Futebol na sociedade como fator democrático (1966-1990) - Marcelo de Azevedo Zanotti
- N. 348 Depois da Inteligência Artificial - Cosimo Accoto, Massimo Di Felice e Eliane Schlemmer
- N. 349 Basta de fósseis - Dominic Boyer
- N. 350 Capitalismo e saúde mental: causa social, sofrimento privatizado - Iael de Souza, Evaldo Piolli e José Roberto Montes Heloani
- N. 351 A transição dos combustíveis fósseis, a crise energética na Europa e a guerra na Ucrânia - Simon Pirani
- N. 352 Guerra russa na Ucrânia. Terrorismo energético, ciberguerra e atmoterrorismo - Svitlana Matviyenko
- N. 353 Pequena história futura das enchentes do rio Caí - Caio F. Flores-Coelho
- N. 354 Por uma agricultura sustentável no Brasil - M. Madeleine Hutyrá de Paula Lima
- N. 355 A máquina com um rosto humano: da inteligência artificial à sciência artificial - Sylvain Lavelle
- N. 356 Filmes em Perspectiva - Faustino Teixeira
- N. 357 Varsóvia e Gaza: dois guetos e o mesmo nazismo - Luiz Cláudio Cunha
- N. 358 Tecnofisiologia e ontologia híbrida: novas interações entre máquinas e corpo humano - Roberto Marchesini
- N. 359 Teoria dos Quatro Cosmogramas - Moysés Pinto Neto
- N. 360 Capitalismo e cismogênese - Sven Lütticken
- N. 361 Revolução informacional e a nova classe trabalhadora - Marcio Pochmann
- N. 362 O ancião missionário e os anciãos Bóe-Bororo: autobiografia indígena, identidade narrativa e apropriação religiosa recíproca - Eloir Inácio de Oliveira e Aloir Pacini
- N. 363 A construção política da Economia de Francisco e Clara no Brasil - Eduardo Brasileiro
- N. 364 Um olhar retrospectivo - Hans Jonas
- N. 365 Constitucionalismo Inter sistêmico e o Direito das Minorias: a proteção dos povos indígenas na sociedade global - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 366 Novos dilemas da IA: a inteligência quer se expandir e o organismo quer perdurar. Por que e como a IA generativa pensa e raciocina - Lucia Santaella

- N. 367 Paul Ricoeur e a historiografia: primeiros diálogos em *História e Verdade* (1955) - Bruno dos Santos Nascimento
- N. 368 Tutela climática dos povos indígenas no Rio Grande do Sul e a proteção dos territórios ancestrais: direito ao futuro e à dimensão ecológica da dignidade humana - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 369 Autonomia: os povos estão transitando por um novo caminho emancipatório - Raúl Zibechi
- N. 370 IA e a experiência da pobreza - Levi Checketts
- N. 371 O pluralismo jurídico e os sistemas jurídicos indígenas - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 372 Proposta de definição das juventudes: diversidades e protagonismos políticos - Olívia Cristina Perez
- N. 373 Neomercantilismo de crise e as guerras de desordenamento global - Daniel Feldmann
- N. 374 Putin, Trump, Netanyahu: o mundo à beira de uma guerra total? - Silvia Feraboli
- N. 375 Peter Singer e os 50 anos do livro *Libertação Animal* - Daan Stoop
- N. 376 Uma reflexão ético-político-filosófica da alteridade negada no cárcere - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 377 Juventudes e experiências religiosas - Claudio de Oliveira Ribeiro e Rosemary Fernandes
- N. 378 Vida nos trilhos: corpos sobreviventes e a resistência que brota da periferia brasileira - Paulo Ricardo Barbosa de Lima
- N. 379 Os Estados Unidos de Trump, modelo da distopia contemporânea - Luiz Marques
- N. 380 Dinamismo, mobilidade e juventudes - Rosemary Fernandes da Costa
- N. 381 Realidades virtuais, danos aumentados, impactos reais - Elisa García Mingo e Jacinto G. Lorca
- N. 382 Povos indígenas e emergência climática: visibilidade, participação e reivindicações nas conferências climáticas da ONU - Carlos Machado de Freitas, Kleber Henrique da Silva Xucuru, Luiz Felipe Barboza Lacerda, Sineia Bezerra do Vale e Suliete Gervásio Monteiro Baré
- N. 383 Considerações sobre o sionismo - Rodrigo Karmy Bolton
- N. 384 Tecnofeudalismo e colonialismo digital: um olhar a partir do Sul Global - Mardochee Ogécime
- N. 385 Fascismo tardocapitalista: retrotopia e aceleracionismo - Sandro Chignola
- N. 386 Austeridade, desigualdade e o enfraquecimento do Estado Democrático e Social de Direito - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 387 Etnocracia e limpeza étnica. No coração do pós-fascismo - Donatella di Cesare
- N. 388 O campo quântico e os horizontes do real - Rodrigo Petronio
- N. 389 Reflexões sobre uma controvérsia: a recepção de Nietzsche pelo fascismo - Alberto Giacomelli
- N. 390 O Bem Viver e a multinormatividade democrática como resistência ao direito autárquico do tecnofeudalismo - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 391 Introdução à Teoria Gerativa - Rodrigo Petronio
- N. 392 Ricochete nihilista: Joy Division - Mark Fisher
- N. 393 Paradigma tecnocrático em cesuras e o espaço geográfico no reino da economia global - Guilherme Tenher Rodrigues

 UNISINOS